



fato e razão

96

Dezembro 2016

Cláudia Aparecida e Eduardo Fernandes Firmiano

*Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Vilma e Roseneo Olizete Jorge*

Editoria e Redação

Arlete e João Borges

Itamar David Bonfatti

Jesuliana do Nascimento Ulysses

Maria do Carmo Freitas Schmitz

Marly e José Maurício Guedes

Rita e Luiz Carlos Torres Martins

Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos

Francione e Ricardo R. Werneck

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68

cep 36010-520 Juiz de Fora-MG

Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita

Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 -

Juiz de Fora - MG

Telefone: (32)3215-7060

orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira -

amarartesvisuais@gmail.com

e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

Paciência na cadência	4
A escola plural e de qualidade	
Oscar Vilhena Vieira	6
A falência do ensino brasileiro não é de seus professores	
Vladimir Safate	7
A nossa fé e as ciências	
Laércio J. Bruni.	9
Ainda a opção pelos pobres	13
Hélio Amorim	
Amar e acolher...	15
Causas da escandalosa falta de ética no Brasil	17
Leonardo Boff	
Corrupção, um mito político	22
Tercio Sampaio Ferraz Junior	
Diálogo	24
Paulo Freire	
Implantar um currículo espartano, através de uma MP, está longe do ideal	26
Fernanda Torres	
Medicina paliativa x cuidado paliativo	28
Bruno Fernando Da Silva Reis	
Amor em 13 etapas	30
Pe. Dalton	
O lugar dos filhos na família	33
Rosely Sayão	
O valioso tempo dos maduros	35
Mário de Andrade	
Programa nacional de formação à distância	37
Podemos aprender a gerenciar nossas emoções?	44
Deonira L. Viganó La Rosa	36
Pré-sal, Petrobras, e a política ora em curso do governo Temer	47
Guilherme C. Delgado	
Religião e hipocrisia	49
Pe. Alfredo J. Gonçalves	
Tão cheias de nada	51
Rafaela Peresin Rabelo	
Um punhado de otários consumistas	53
Ladislau Dowbor	
A voz dos jovens	55
Maria Alice Setubal	
Nova era nacionalista pode estar a caminho com vitória de Trump	57
Francis Fukuyama	
O haver	62
Vinicius de Moraes	
Pessoas felizes	64
Jorge La Rosa	



EDITORIAL



A arte de controlar sentimentos e emoções em meio a adversidade. Não basta apenas dar-se por inconformado diante de “um evento” seja ele corriqueiro ou não, saber lidar sem fazer mutilações físicas ou psíquicas é agir com amor, praticar a ausência de julgamento e conter o ímpeto que avança como “carro abre alas” em uma escola de samba, talvez deva ser este o momento de maior atenção, aguardando o momento último a se manifestar fazendo o brilho e o sucesso acontecer.

A paciência é irmã gêmea da compreensão, caminham juntas lado a lado como porta bandeira e passista, e estas trazem em si traços de personalidade bem particulares que precisam ser aprimorados todos os dias—uma vida de ensaio... e sempre muito ensaio para se chegar a perfeição, o encanto aos olhos de todos, satisfação pessoal e do conjunto.

Ter paciência, ser paciente é privilégio dos sábios, que afetuosamente sabem ouvir o enredo do tempo, no tempo que fala ao mais profundo do ser, tocando a alma, acalmando o coração.

Rubens Carvalho

Coordenador do CONDIN – 2016/2019





Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal, cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 do Banco do Brasil e remeta os dados pelo E-mail da Revista.

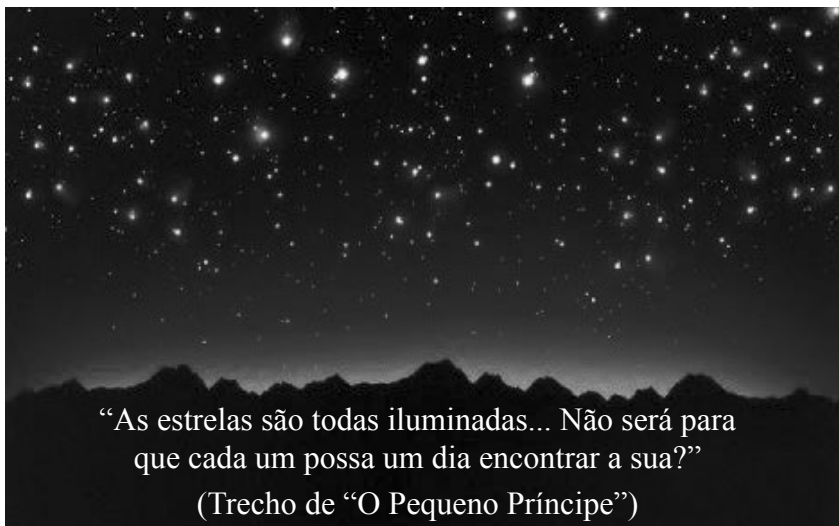
Assinatura anual: **R\$ 32,00**

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Tel: (32)3214-2952
das 13 às 18 horas

Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520



“As estrelas são todas iluminadas... Não será para que cada um possa um dia encontrar a sua?”

(Trecho de “O Pequeno Príncipe”)





A escola plural e de qualidade

*Oscar Vilhena Vieira**

A escola brasileira vem sendo objeto de um duplo ataque. De um lado, querem lhe limitar a liberdade. De outro, restringir suas receitas. Ambos os movimentos ferem o direito à educação, tal como estabelecido pela Constituição de 1988.

Três são as características essenciais desse direito. Em primeiro lugar, a Constituição transformou os jovens em titulares de um direito fundamental, impondo obrigações prevalentes ao Estado, à família e à própria sociedade.

Em segundo lugar, em plena sintonia com a Declaração Universal de Direitos Humanos, de 1948, estabeleceu que o objetivo do direito

à educação é propiciar o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Para isso, o ensino deve pautar-se pelos princípios da “liberdade de aprender e ensinar”, “pluralismo de ideias”, “garantia de qualidade”, entre outras coisas (artigo 205).

Nesse sentido, as tentativas de restringir a liberdade e o pluralismo no ensino, tais como propostas pelos que querem uma escola sem partido, são uma afronta à Constituição. Uma escola que tem entre suas finalidades a preparação para a cidadania precisa ser livre e plural. Se os professores não devem empregar a sua autoridade pedagógica para fazer proselitismo, também não podem ser impedidos de fomentar o debate e, quando necessário, expor suas ideias e interpre-





tações sobre fenômenos históricos, obras literárias, concepções científicas ou mesmo eventos políticos.

A ideia de neutralidade acadêmica é uma falácia que normalmente encobre uma tentativa sub-reptícia de impor uma única visão “verdadeira” sobre o mundo. Os jovens têm o direito de saber o que pensam seus mestres, até para que possam se posicionar criticamente em relação as múltiplas visões por eles esposadas. Afinal, o direito à plena formação da personalidade significa assegurar a formação de seres autônomos, capazes de determinar suas próprias trajetórias.

Por fim, para que o direito à educação não se transformasse em uma promessa vazia, para que a escola pudesse vir a ter qualidade, a Constituição estabeleceu um terceiro elemento constitutivo do direito à educação, ao determinar que uma porcentagem mínima da arrecadação de impostos deveria ser obrigatoriamente destinada ao ensino. Trata-se de um mecanismo também voltado a dar concretude a outra cláusula constitucional (artigo 227) que determina que os direitos das crianças e adolescentes,

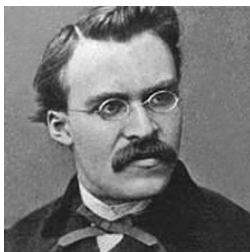
entre eles o da educação, tenham “absoluta prioridade” sobre outros interesses, ainda que legítimos, de nossa sociedade.

Neste sentido, a proposta de um teto linear para as despesas públicas, ainda que possa ser um interesse defensável do governo num momento de crise econômica, não atende a obrigação constitucional de dar “absoluta prioridade” à educação de crianças e adolescentes. Imaginar que os recursos poupados na educação não serão imediatamente apropriados por setores mais poderosos é aderir ao “pensamento mágico” que os economistas tanto criticam.

Ao descumpirmos, como adultos, nossas obrigações morais e constitucionais de garantir um ensino plural e de qualidade, estaremos fatalmente comprometendo o futuro democrático e econômico das novas gerações.

**Oscar Vilhena Vieira formou-se em direito pela PUC-SP, é doutor pela USP e pós-doutor pela Universidade de Oxford.*

Transcrito da Folha de São Paulo



As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas. Elas sabem fazer o melhor das oportunidades que aparecem em seus caminhos.

Friedrich Nietzsche





Vladimir Saflate*

Depois de um anúncio catastrófico do projeto de reforma educacional do ensino médio proposto por aquilo que alguns chamam de “governo”, esta semana viu uma sucessão de esforços para tentar vender à população a tese de que enfim chegaram as ações esperadas.

Órgãos de propaganda do dito “governo” vestidos de revistas semanais apresentaram o projeto como um conjunto de medidas corajosas que visariam revolucionar o engessado ensino brasileiro. O senhor que ocupa o cargo de ministro da Educação apareceu enfim para tentar defender o projeto feito por sua equipe, isto enquanto o próprio Michel Miguel ligava não para especialistas em educação, mas para Fausto Silva, vulgo Faus-tão, para convencê-lo da grandeza do projeto criticado pelo referido.

Que uma das primeiras medidas do “governo” fosse intervir na educação nacional, eis algo que não deveria surpreender ninguém. O projeto apresentado nem de longe

expressa alguma preocupação real com o aumento da qualidade de nossas escolas e com o desenvolvimento integral de nossos alunos. Seus eixos centrais são a segregação, a precarização da atividade docente e o puro e simples obscurantismo.

Não é de admirar que a verdadeira equipe que produziu este projeto seja composta por “especialistas” que trabalham há décadas nos governos FHC, em Brasília, sob a batuta do ilibado José Arruda e nos governos tucanos de São Paulo, com resultados pífios e medíocres. De fato, não poderia ser diferente, já que a regra dessas senhoras e senhores é impor uma visão tecnocrata que despreza a inteligência prática de professores envolvidos nos processos de ensino, sendo os únicos realmente capazes de indicar o que funcionaria e o que não funcionaria.

Contrariamente ao que se tentou vender, este país fez mudanças drásticas e constantes no ensino nas últimas décadas. Todas pecaram por desprezar os saberes daqueles





que estão diretamente envolvidos nos processos, dando voz a burocratas e tecnocratas que nunca pisaram em uma sala de aula ou que não fazem isto há anos. A falência do ensino brasileiro não é de seus professores, mas de seus tecnocratas de gabinete.

Veja três características mestras da dita reforma. Primeiro, ela cria diferentes possibilidades de escolhas para os estudantes depois de um período comum de um ano e meio. Eles poderão ter concentração de disciplinas em linguagens, matemática, ciências da natureza, humanas e ensino técnico. Até aí, nenhuma polêmica. Há anos todos os realmente envolvidos com educação insistem que os alunos devem poder escolher disciplinas mais próxima de seus interesses. Mas, como o diabo mora nos detalhes, a questão é: as redes e escolas podem não oferecer aos alunos todas as opções de concentração. Ou seja, você dorme com a promessa de uma escola mais diversa e acorda com a realidade de uma escola onde, por exemplo, a concentração de humanas não existe, onde o eixo de todos os esforços é o ensino técnico. O resultado será abrir as portas para uma segregação que consistirá em levar as escolas em regiões mais carentes a cada vez mais oferecer ensino técnico, cuja empregabilidade é mais rápida, porém muito mais precária.

Por outro lado, qualquer programa minimamente sério come-

çaria por qualificar melhor o corpo docente. Mas isso passaria por acabar, de uma vez por todas, com a precarização e os salários vergonhosos dos professores, uma das maiores razões para que nossos melhores alunos não queiram mais ser professores. O que há a esse respeito na dita reforma? Nada. No entanto, o projeto prevê que poderão ser contratados professores sem licenciatura, portadores de “reconhecido saber”. Dificilmente haveria proposta mais absurda e irresponsável. Como dizia Hegel, não é porque todos têm mãos que todos podem produzir sapatos. Mas um governo que apresenta uma proposta como essa despreza os conhecimentos técnicos necessários para a docência.

Por fim, havia a proposta medíocre de transformar artes, educação física, filosofia e sociologia em matérias não obrigatórias. Agora, a BNCC decidirá o destino, mas a pedra já está cantada. De fato, para os tecnocratas a sociedade não deve precisar de cidadãos que conheçam conceitos como conflito social, desencantamento do mundo, anomia social, modernização reflexiva, ética, moral, classe, consciência, razão, estética, lógica, pensamento crítico. É verdade, para votar em Michel Miguel e sua turma, é melhor não saber nada disso.

** Vladimir Saflate é Professor livre-docente do Departamento de filosofia da USP (Universidade de São Paulo).*

Transcrito da Folha de São Paulo





A NOSSA FÉ E AS CIÊNCIAS

* *“A dúvida é um convite para crescer na fé e no entendimento e não algo que deva levar-nos ao pânico e à preocupação”. (Alister Mc Grath)*

* *“O problema do mundo hoje é que pessoas inteligentes estão cheias de dúvidas, e pessoas pretensiosas estão cheias de certezas”. (Bertrand Russell)*

* *“Não se preocupe em entender. Viver ultrapassa todo entendimento”. (Clarice Lispector)*

* *“A renúncia à inteligência não faz parte da doutrina religiosa”. (autor desconhecido)*

* *“O cristão, não forçado, gosta de arriscar e sair por sendas já traçadas, mas aberto e fiel às rotas indicadas pelo Espírito” (Papa Francisco)*

Deus, que nos dotou de inteligência, não é contrário a que abracemos o que de certo e verdadeiro nos ensinam as ciências. A humanidade só faz progredir com as conquistas das mesmas. Não só! Deus nos quer como colaboradores seus na transformação do mundo para melhor. Ele não é contrário à nossa abertura para os princípios e verdades das ciências. É Ele que nos confere inteligência para aceitarmos os postulados científicos.

A História nos ensina que a Igreja Católica sempre se deu mal quando ousou negar verdades científicas. Exemplos clássicos são os de Galileu Galilei e Nicolau Copérnico, que se opuseram aos conceitos da astronomia ptolomaica, segundo a qual a Terra seria o centro imóvel do sistema solar. Galileu acabou condenado pela Igreja, tendo de subscrever como mera hipótese a teoria helio-

cêntrica. Copérnico não chegou a saber de sua condenação por ter feito imprimir o seu trabalho pouco dias antes de sua morte. Como escreveu Victor Hugo, “pode-se resistir à invasão de um exército, mas não a uma ideia cujo tempo chegou”. E não foi somente em astronomia que a Igreja se mostrou contrária a dados das ciências.

Nós católicos devemos admitir que as ciências modernas, se não negam, colocam em novas perspectivas as verdades de nossa fé. Vamos lançar mão de um único exemplo, analisando o surgimento do homem neste universo. Não foi conforme o lindo relato do Gênesis que, embora não sendo um livro de História, contém grandes e belos ensinamentos através de metáforas. O homem, como o conhecemos hoje, é um dos resultados da grande evolução natural





de todas as coisas. Essa evolução, demonstrada pelo naturalista inglês Charles Darwin (+ 1882), de início foi repudiada por biólogos, zoólogos e botânicos. Rejeição maior e mais duradoura foi a de teólogos e mandatários de diferentes igrejas, inclusive da Igreja Católica. Nos Estados Unidos, igrejas e escolas evangélicas negam e repudiam o darwinismo e nelas ainda se ensina que as espécies dos reinos animal e vegetal foram criadas de uma só vez e, como criadas, assim permanecem até hoje. É a teoria conhecida pelo nome de fixismo. Curioso é saber que Aristóteles (+ 322 a.C) já se interessava pelo assunto e reconhecia semelhança na arquitetura do homem e dos animais, especialmente antropóides e macacos. "Entre os humanos e os chimpanzés há 99,6 % de genes ativos em comum. Estes 4 décimos e esse único aminoácido fazem toda a diferença..." (Leonardo Boff, "O Despertar da Águia", pág. 130). E esta não é diferença de pouca

monta. É a diferença de linguagem, de reflexão e de consciência, que não se encontram a não ser no homem. A teoria fixista se nega a admitir a evolução do homem. Não obstante, a tese evolucionista de Darwin passou a ganhar sempre mais adeptos. Por fim, João Paulo II e o Papa Francisco não titubearam em aceitar a verdade da evolução das espécies. São do Papa atual os seguintes pensamentos: "Quando lemos no Gênesis o relato da criação, corremos o risco de imaginar que Deus seja um mago... Mas não é assim. Ele criou os seres e deixou que se desenvolvessem segundo as leis internas, que ele deu a todos, para que se desenvolvessem, para que chegassem à sua própria plenitude..." Hoje, nos meios científicos, não mais se discute e, muito menos, se nega a tese da evolução, embora os cientistas nem sempre estejam de acordo com relação a certos detalhes da teoria. Quanto à nossa fé, podemos admitir que Deus se mostra muito mais pode-





roso e sábio ao nos criar através de um evolução de muitos e muitos séculos do que através de uma única intervenção divina ou, como se lê no livro de Gênesis, “tendo Deus terminado no sétimo dia a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho” (2,2). Esta é uma linguagem antropomórfica, que atribui a Deus sentimentos, paixões, atos e feições próprias do homem, e que são mais frequentes no Antigo Testamento. Tal linguagem não se preocupa com conceitos filosóficos para se falar de Deus e de sua criação. Nem adiantaria a linguagem erudita, pois poucos homens eram letrados e capazes de entender outra linguagem.

Mas o grande mistério está em saber-se a origem, a razão e a causa da vida humana. Nós apontamos para Deus como essa origem, razão e causa. Esta dificuldade ou, melhor, impossibilidade, é intransponível para as ciências. Aceitamos

pela fé, que tudo, celeste e terrestre, obedece aos desígnios de um Deus Criador. Acatamos o evolucionismo e sabemos cientificamente que todo o universo subsiste em plena evolução, imperceptível aos nossos olhos. Não há determinismo mecânico. Há leis probabilísticas e aproximativas. A impossibilidade de entendermos o nosso universo em sua origem e evolução só faz aumentar a nossa perplexidade, o nosso encanto e deslumbramento diante de tudo o que existe. Tal perplexidade, todo encanto e deslumbramento são os sentimentos primeiros de toda espiritualidade.

Como escreveu Theilhard de Chardin: “Não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual... Somos seres espirituais passando por uma experiência humana”.

L.J.B. – Ex-Coordenador do MFC-RJ



Conserve os olhos fixos num ideal sublime, e lute sempre pelo que deseja, pois só os fracos desistem e só quem luta é digno de vida.

Desconhecido





Ainda a opção pelos pobres

Hélio Amorim

Um desafio exigente: adesão à luta dos pobres e espoliados contra os mecanismos de exclusão que os condenam à desumanização. Assumir a causa dos excluídos e apostar tudo na construção de uma sociedade justa e solidária, em que haja equidade na distribuição da riqueza, com a superação do absurdo abismo que separa ricos e pobres, uma afronta intolerável ao projeto de Deus.

Jesus fez essa opção. Não há discursos e exegeses conciliadoras capazes de atenuar essa escolha conflitiva de Jesus pelos excluídos da sociedade de seu tempo. “Felizes vocês, pobres... Ai de vocês, ricos...” - é esse, na versão de Lucas, o discurso de Jesus sobre a Boa Nova que, segundo ele, é justamente anunciada aos pobres. Na verdade,

esse discurso está longe de ser uma boa notícia ou evangelho, para os ricos. Se anunciamos que os oprimidos serão libertados da opressão, essa é uma boa notícia para eles, mas uma notícia preocupante para aqueles que os oprimem. Se lutamos para que aumente a sua fatia na partilha do bolo, estaremos avisando que vai diminuir a parte dos que o comiam sozinhos.

A lógica é irrefutável. O atendimento às reivindicações das classes mais pobres atinge os privilégios das classes favorecidas. Lutar por esse objetivo no interior da própria classe, nas associações, sindicatos, partidos e outras entidades formadas por pessoas, famílias ou grupos das classes médias, equivalerá a uma espécie de “traição de classe”. Assim será interpretado por muitos. A rejeição é esperada. Este é o desafio.





Na associação de moradores, seria lutar pelo atendimento prioritário das necessidades da população favelada do bairro, mesmo em prejuízo das justas reivindicações dos demais moradores. Nos sindicatos patronais será defender até ou além do limite máximo, as propostas das classes trabalhadoras, com os argumentos claros e veementes de quem fez uma verdadeira opção pelos pobres. No exercício de funções públicas e na militância partidária, há de ser a promoção das mudanças estruturais que levem à equidade e à justiça, em benefício dos excluídos, conhecendo a inflexível matemática que indica os consequentes danos para as classes privilegiadas.

Talvez ir mais longe e colocar os talentos e recursos técnicos e intelectuais das classes médias a serviço dos movimentos de libertação que surgem das classes populares. Estas têm a força propulsora irresistível para exigir as transformações urgentes de estruturas sociais injustas. Nas classes médias estão muitos dos que serão capazes de ajudar na elaboração de novos projetos políticos, com o seu instrumental técnico e intelectual.

Esse pacto de classes, que es-

tabelece uma relação intercultural funcional e eficaz, pode ser decisivo num processo de libertação, desde que os parceiros das classes privilegiadas não se arroguem o papel de condutores do processo, que cabe àqueles que lhe dão força e consistência. Cabe-lhes, sim, incentivar a organização dos setores populares mas não lhes cabe conduzir essa organização. Deles se espera que ajudem a traduzir em formulações adequadas as autênticas aspirações das classes a que querem servir. A eles não se pede que elaborem ideologias de gabinete para as quais pretendam a adesão das classes populares, modalidade de ranço populista finalmente ultrapassada.

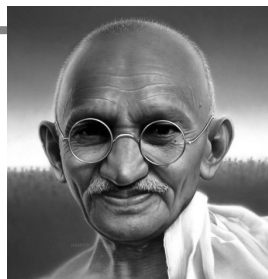
A atitude que se espera dos cristãos que deram esse passo é a de serviço desinteressado, talvez pouco gratificante para os que deles pudessem esperar certo prestígio pessoal que não afina com o espírito dessa opção.

Esses cristãos encarnam a versão de Mateus sobre o mesmo discurso de Jesus: “Felizes os pobres em espírito...”, com que o evangelista incluiu aqueles que não sendo pobres, aderiram à sua causa e, em muitos casos, deram a vida por ela.



***Cuide dos meios, que o fim
cuidará de si mesmo.***

Gandhi





Amar e acolher...

Amamos quando acolhemos o outro em sua realidade.

Perceber que o outro não pode ser uma projeção de meus desejos e projetos pessoais, deve ser o primeiro passo para acolher e amar...

Somos uma teia de relações, precisamos estabelecer, ao longo de nossa passagem terrenal, laços de acolhimento profundo.



Isso acontece quando eu me desnudo de pré-julgamentos e modos de tentar encaixotar o outro em meus parâmetros e “verdades”.

Precisamos ser canais do amor de Deus, acolhendo o outro em sua “outridade”. Deus não vê máscara, Ele olha fundo no coração de cada um e cada uma de nós. (Cf. I Samuel 16, 7).

Nos tempos de hoje, marcados por fundamentalismos religiosos e étnicos, o que vai ser decisivo é o fator da relação entre diferenças e identidades.

Ser árbitro do modo de ser e pensar do outro nos impede o sentido da acolhida.

Quando sabemos que somos capazes de acolher o outro sem fazer dele o nosso “juízo de acertos e erros”, iniciamos a longa jornada de colocar em prática a tarefa que nos foi lançada: sermos abertos à irmandade universal. Esta perpassa toda a vida, sem excluir nada.

Somos seres de acolhimento e afeto. Não será a nossa “verdade” (e todos nós temos na vida o direito de buscar um significado pessoal para os afetos e desejos), que irá aumentar a distância com o modo de ser e pensar do outro.

A vida nos chama ao acolhimento.

A vida nos a chama à vida, do modo como ela se nos apresenta.

Deixemos a vida ser ela mesma.

Não tentemos sufocá-la em nossas amarras pré-definidas.

Não tentemos amarrar o outro em nossos limites.

Lancemos as mãos a quem nos espera para aprender e ensinar conosco, pois somos seres em construção, não estamos prontos.

O que nos cabe nessa jornada?

Amar e acolher.

A vida se renova no calor do outro. E quem ama não vê a casca, vê fundo a semente que se esconde no olhar de quem vem ao teu encontro. Além da máscara, dos títulos, diagnósticos e barreiras.

Quem ama, sabe que a energia do amor é sem fronteiras.

Jorge Leão - MFC-MA





TELEFONES DE EMERGENCIAS



Quando estiver triste ligue para João 14
Quando os amigos falharem, ligue para Salmo 27
Se desejar alcançar bons resultados ligue para João 15
Quando tiver pecado ligue para Salmo 51
Quando estiver preocupado, ligue para Mateus 6:19:34
Quando estiver em perigo ligue para Salmo 91
Quando sua fé precisar ser renovada ligue para Hebreus 11
Quando parecer que Deus está distante ligue para Salmo 139
Quando se sentir só e com medo ligue para Salmo 23
Quando se tornar amargo e crítico ligue para I Coríntios 13
Para obter a felicidade de Paulo, ligue para Colossenses 3:12 a 17
Para obter uma ideia de Cristianismo, ligue para I Coríntios 5:15 a 19
Quando se sentir desanimado e deslocado ligue para Romanos 8:31 a 19
Quando quiser paz e descanso, ligue para Mateus 11:25 a 30
Quando o mundo parecer maior que Deus, ligue para Salmo 90.
Quando quiser a segurança Cristã, ligue para Romanos 8: 1 a 30.
Quando sair de casa para a escola, serviço ou viagem, ligue para Salmo 121.
Quando suas orações se tomarem mesquinhas e egoístas, ligue para Salmo 67.
Quando precisar de coragem para executar uma tarefa, ligue para Josué 1.
Para conviver com o seu amigo, ligue para Romanos 12.
Quando pensar em investimentos ou lucros, ligue para Marcos 10.
Quando estiver deprimido, ligue para Salmo 27.
Se sua agenda estiver vazia, ligue para Salmo 37.
Quando começar a perder a confiança nos outros, ligue para I Coríntios 13.
Quando os outros parecerem maldosos, ligue para João 15.
Quando desencorajado no serviço, ligue para Salmo 126.
Quando achar que o mundo está ficando pequeno e você grande, ligue para Salmo 19.

**Os números de emergência podem ser ligados diretamente! Não há necessidade de um operador!
Todas as linhas para o Céu estão livres 24 horas por dia!**





Causas da escandalosa falta de ética no Brasil

Leonardo Boff

Adital

O país, sob qualquer ângulo que o considerarmos, é contaminado por uma espantosa falta de ética. O bem é só bom quando é um bem para mim e para os outros; não é um valor buscado e vivido por si mesmo; mas o que predomina é a esperteza, o dar-se bem, o ser espertinho, o jeitinho e a lei de Gerson.

Os vários escândalos que se deram a conhecer revelam um falta de consciência ética alarmante. Diria, sem exagero, que o corpo social brasileiro está de tal maneira putrefato que onde quer que aconteça algum pequeno arranhão já mostra sua purulência.

A falta de ética se revela nas mínimas coisas, desde as mentirinhas ditas em casa aos pais, a cola na escola ou nos concursos, o suborno de agentes da polícia rodoviária quando alguém é surpreendido numa infração de trânsito, desviar dinheiros públicos, beneficiar-se de cargos, enganar nos preços, em jogar lixo na calçada e até em fazer pipi na rua.

Essa falta generalizada de ética deita raízes em nossa pré-história. É uma consequência perversa do que foi a colonização. Ela impôs ao colonizado a submissão, a total dependência à vontade do outro e a renúncia a ter a sua própria vida. Estava entregue ao arbítrio do invasor. Para escapar da punição, se obrigava a mentir, a esconder intenções e





a fingir. Isso levava a uma corrupção da mente. A ética da submissão e do medo leva fatalmente a uma ruptura com a ética (cf. J. Le Goff, *O medo no Ocidente*), quer dizer, começa a faltar com a verdade, a nunca poder ser transparente e, quando pode, prejudica seu opressor. O colonizado se obrigou, como forma de sobrevivência, a mentir e a encontrar um “jeitinho” de burlar a vontade do senhor. A Casa Grande e a Senzala são um nicho, produtor de falta de ética: pela relação desigual de senhor e de escravo. O ethos do senhor é profundamente antiético: ele pode dispor do outro como quiser pois é apenas uma “peça” como se dizia, a todo momento estava pronto a abusar sexualmente das escravas e a vender seus filhos pequenos para que não tivessem apego a eles. Nada de mais cruel, antiético e perverso do que a destruição dos laços de mãe e filhos.

Esse tipo de ética desumana criou hábitos e práticas que, de uma forma ou de outra, continuam, no inconsciente coletivo de nossa sociedade.

A abolição da escravatura ocasionou uma maldade ética imperdoável: alforriaram-se os escravos, mas sem fornecer-lhes um pedacinho de terra, uma casinha e um instrumento de trabalho. Foram lançados diretamente na favela. E hoje por causa de sua cor e pobreza são discriminados, humilhados e as primeiras vítimas da violência policial e social.

A situação, em sua estrutura, não mudou com a República. Os antigos senhores coloniais foram substituídos pelos coronéis e senhores de grandes fazendas e capitães da indústria. Aí as pessoas eram ultra-exploradas e feitas totalmente dependentes. Os comportamentos não eram éticos no sentido do respeito mínimo às pessoas e à garantia de seus direitos básicos. A relação era de medo e de uso de violência ou repressão. Foram feitos carvão para a produção como costumava dizer Darcy Ribeiro.

As relações de produção capitalista (em si altamente questionáveis eticamente pela relação desigual entre capital e trabalho) que se introduziram no Brasil pelo processo de industrialização e modernização foram selvagens. Nosso capitalismo nunca foi civilizado, pois nunca foi possível uma verdadeira luta de classes (que tem suas regras), no sentido de equilibrar os interesses antagônicos. Ele guardou sua voracidade de acumulação como nas origens no século XVIII e XIX o que se vê claramente no sistema bancário atual, cujas taxas de juros são das mais altas do mundo e os lucros exorbitantes.

A exploração impiedosa da força de trabalho, os baixos salários são situações eticamente malévolas pelo grau de desumanidade e de injustiça que encerram impondo privações e muito sofrimento às famílias.

Como superar essa situação que nos envergonha? Ela dura séculos e foi praticamente naturalizada.





Como ouvi de uma pessoa ilustrada que acusava como corrupto um político honrado que eu defendia. Sua resposta foi típica: se roubou foi esperto e se não roubou foi um bobo. Assim não dá...

Antes de fazer qualquer sugestão mínima, importa fazer uma autocrítica. Que educação deram as centenas de escolas católicas e cristas e as 16 universidades católicas (pontifícias ou não) a seus estudantes? Bastava terem-lhe ensinado o mínimo da mensagem de Jesus de amor aos pobres contra sua pobreza e comprometê-los em mudanças necessárias para que sua situação hoje fosse menos malvada.

Elas se transformaram, em boa parte, nem todas, em chocadeiras dos opressores. De lá saíram diretores de empresas exploradores, economistas de um liberalismo feroz e funcionários públicos sem senso do bem comum, Segundo o motto estabelecido: “o que é de todos não é de ninguém, portanto, posso me apropriar dele tranquilamente”.

A catequese foi doutrinalesca, interessada mais na reta doutrina e menos no reto comportamento. Criou-se um cristianismo cultural que até prescinde da fé. Não foi um cristianismo de fé comprometida com a justiça social e com o destino das grandes majorias pobres e discriminadas.

Como é possível que num país majoritariamente cristão vigore tanta injustiça, insensibilidade, discriminação social e humilhação de

negros e pobres? Alguma coisa errada ocorreu em nossos processos de transmissão da mensagem libertadora e humanizadora de Jesus a ponto de os corruptos e corruptores cristãos, quase todos cristãos, sequer terem a má consciência do que fazem. É a resposta que o deputado Severino Cavalcanti, cassado de seu mandato por corrupção, deu a alguém que lhe perguntou se ia se suicidar: “não me suicido porque sou cristão”. Que significou para ele o fato de ser cristão? Nada.

Por isso, os que saíram das escolas cristãs não se distinguiram pela incidência social numa perspectiva de transformação. São antes pela manutenção do status quo do que por mudanças.

Nem por isso queremos olvidar nomes notáveis em vários estratos sociais para os quais o cristianismo foi uma escola de humanização e de compromisso com a sorte dos mais vulneráveis. Infelizmente não foram eles que definiram o rumo de nossa história de corrupção.

Para superarmos a crise da ética não bastam apelos moralizantes, sempre tão fáceis, mas uma transformação da sociedade. Antes de ser ética, a questão é política, pois esta, a política, é estruturada em relações profundamente antiéticas.

Já faríamos muito se assumíssemos a pregação do primo de Jesus, seu precursor, São João Batista. Aos que lhe perguntavam o que deviam





fazer, respondia: “Quem tiver duas túnicas, dê uma a quem não tem nenhuma, e o mesmo faça a quem não tem alimentos”. Traduzindo para a nossa situação seria: “seja solidário e não deixe de ajudar os mais necessitados”. Aos cobradores de impostos lhes dizia: “Não exija mais do que a taxa definida”. À polícia respondia: “não pratiquemos torturas nem chantagens contra ninguém (delação premiada?) e contente-se com seu salário”.

Deixando para trás o permanente valor da mensagem ética de João Batista, diria para ser brevíssimo: tudo deve começar pela família. Criar caráter (um dos sentidos de ética) nos filhos e filhas, formá-los na busca do bem e da verdade para não se deixarem seduzir pela lei de Gerson e evitar, sistematicamente, o jeitinho. Princípio básico de toda e qualquer ética: tratar sempre humanamente a cada ser humano.

Tomar absolutamente sério a lei áurea que é testemunhada em todas as tradições culturais e religiosas: “não faça ao outro o que não quer que te façam a ti”. Ou “ame o próximo como a ti mesmo” que na versão do evangelho de São João e de São Francisco é assim traduzida: “ame o outro mais que a ti mesmo”; “que eu procure mais consolar que ser consolado, mais compreender do

que ser compreendido, mais amar do que ser amado.”

Siga o preceito de Kant: que o princípio que te leva fazer o bem, seja válido também para os outros. Oriente-se pelos dez mandamentos, escritos na Bíblia como forma de ordenar a vida social do Povo de Deus e, que no fundo, são universalmente válidos. Traduzidos para hoje: o “não matar” significa, venere a vida, cultive uma cultura da não violência. O “não roubar”: aja com justiça e correção e lute por uma ordem econômica justa. O “não cometer adultério”: amem-se e respeitem-se mutuamente, e obriguem-se a uma cultura da igualdade e pareceria entre o homem e a mulher.

Isso é o mínimo que poderíamos fazer para arejar um pouco a atmosfera ética de nosso país.

Repetindo o grande Aristóteles, o mestre da ética ocidental: “não refletimos para saber o que seja a ética, mas para tornarmo-nos pessoas éticas”.

**Leonardo Boff foi professor de ética na UERJ e em Heidelberg. Doutorou-se em teologia pela Universidade de Munique.*

Foi professor de teologia sistemática e ecumênica com os Franciscanos em Petrópolis e depois professor de ética, filosofia da religião e de ecologia filosófica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Dar um passo na direção desejada já é chegar.

Fábio de Melo

20 **fato**
e razão





AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.



Depois desta atenção voltada para a percepção, nos damos conta que somos presença viva de Deus no mundo...

Desta consciência nasce o entusiasmo, o que faz renascer a alma...

Ser entusiasmado é sentir-se cheio de Deus...

Cultivar o entusiasmo na alma é sentir-se como presença viva na Vida.

Abrir as mãos para as dádivas divinas, ainda que muitas vezes traduzida sob a forma da dor e das perdas, é reconhecer a vitória do amor, da Paz e do Bem, a cada momento, a cada dificuldade, a cada incompreensão sentida...





CORRUPÇÃO, UM MITO POLÍTICO

Tercio Sampaio Ferraz Junior*

Qualquer um conhece esse jogo de luz e penumbra, que acompanha, com sua carga de ambiguidade, a tênue escala de expressões existentes no vocabulário brasileiro: cervejinha, gorjeta, jeitinho, caixinha, ajudinha, lubrificar, taxa de urgência, por fora, esquema, rolo, molhar a mão, mamata, negociata, propina, falcaturia, caixa dois etc.

Embora, nos dias de hoje, corrupção seja um tema, tratado na legislação e verberado moralmente, talvez não se trate propriamente de um problema jurídico nem mesmo ético, mas de um mito político. Não mito no sentido de fabulação, mas de um modo de perceber as coisas.

É algo que não pode ser eliminado, não porque o homem seja moralmente fraco, mas porque nossa concepção de corrupção não permite sua eliminação. Há uma espécie de correlação entre corrupção e crítica da corrupção, da qual emergem conceitos de corrupção.

Nos últimos 200 anos, o favorecimento de parentes e agregados foi perdendo força, substituído por uma nova mentalidade: a ação humana movida pelo ganho e pela acumulação, o que exige eficiência – a franca liberdade de iniciativa somada ao Estado burocrático/regula-



dor – e uma forte diferenciação funcional entre público e privado.

A partir da Revolução Francesa, o mundo ocidental viu aparecer figuras até então desconhecidas: o político profissional e o empresário, o que tornaria suspeita a confusão dos respectivos papéis.

Com isso surgiu uma progressiva diferenciação entre administração, Parlamento e partido, donde o entendimento da política como uma “questão de consciência” do cidadão, com uma crescente integração entre opinião pública e imprensa a alimentar-se do escândalo que ganha repercussão generalizada: a opinião pública massificada.

Foi nesse quadro que o conceito moderno de corrupção passou a ser uma técnica de poder intimamente ligada à crítica e à denúncia do





abuso de papéis públicos para uso privado e vice-versa.

Associada à noção de progresso, essa técnica engendrou políticas voltadas para as massas, produzindo acusações do caráter pernicioso da corrupção, presentes em todos os grandes movimentos ideológicos de luta pelo poder do século 20, de direita ou de esquerda.

Essa nova situação acabou por reinventar-se, produzindo um clientelismo de nova ordem, como observamos na mudança ocorrida no Brasil desde a Revolução de 30, com o progressivo enfraquecimento do coronelismo e a ascensão das diferentes formas de peleguismo.

Aparece, assim, na correlação entre corrupção e crítica à corrupção um dilema que repousa em racionalizações divergentes. No interesse de empreendimentos políticos, econômicos ou financeiros, a corrupção deve ser banida, pois, no limite, ela conduz a uma disfunção dos sistemas. Porém, empreendimentos absolutamente íntegros parecem, às vezes, ineficientes.

Embora não o único, um importante aliado contra a corrupção talvez seja o mercado financeiro. Uma administração econômica legítima

e sustentável deve estar submetida ao juízo dos investidores. Para isso são necessários os auditores independentes, as agências de rating e as autoridades financeiras.

A experiência mostra que a administração empresarial nada mais teme que o mau juízo de investidores financeiros. Mas onde fica a transparência nas empresas privadas? E nas empresas públicas?

Estruturas empresariais autocráticas, privadas ou públicas, não resolvem o problema e devem ser criticadas. Muito ajuda na luta contra a corrupção uma imprensa livre, com jornalistas especializados em questões econômicas.

Haveria uma alternativa? A Indonésia há alguns anos fez uma proposta curiosa. Funcionários corruptos deveriam ser castrados. A fundamentação para essa pena corporal seria impedir que funcionários corruptos se multiplicassem! Ou deveríamos antes buscar uma “pílula anticorrupcional”?

**Tercio Sampaio Ferraz Junior, 74, é professor aposentado da Faculdade de Direito da USP e professor emérito da Faculdade de Direito da USP-Ribeirão Preto*
**Transcrito da Folha de São Paulo*



“Conheço muitas razões pelas quais eu morreria, mas não conheço nenhuma pela qual eu mataria.

Mahatma Gandhi





DIÁLOGO

Paulo Freire

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade.

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em que não reconheço outros eu?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?

Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é

tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?

Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos, há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na





sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direitos dos homens.

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado.

Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação. Com a instalação do trabalho não mais escravo, mas livre, que dá a alegria de viver.

Sem esta fé nos homens, o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma realização horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se,

amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antidialogicidade da concepção “bancária” da educação.

Se a fé nos homens é um dado a priori do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. Se falha esta confiança, é que falharam as condições discutidas anteriormente.

Um falso amor, uma falsa humildade, uma debilitada fé nos homens não podem gerar confiança. A confiança implica no testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança.

Não é porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movimento na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.

Se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode desfazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso.

Extraído do livro Pedagogia do Oprimido - editado pela editora Paz e Terra





Implantar um currículo espartano, através de uma MP, está longe do ideal

Fernanda Torres*

Tenho um aluno do segundo ano do ensino médio em casa. Dono de um raciocínio lógico capaz de solucionar questões complexas de matemática, ele aprende com facilidade e demonstra aversão pelo atual sistema de ensino.

Filho, neto e sobrinho de autodidatas, todos ligados às artes, meu rebento reclama do pouco tempo reservado à sociologia, à filosofia e à literatura, e se resente de um intercâmbio maior entre as disciplinas.

Tédio e raiva resumem o seu sentimento com relação à escola.

Mangabeira Unger, em entrevista ao programa “Diálogo”, fez coro ao diagnóstico de que estudantes do século 21 frequentam salas de aula do século 19. Danilo Miranda, diretor do milagroso Sesc paulista, afirma que o currículo procura formar mão de obra e não cidadãos.

Há, mesmo, algo de podre na educação.

Os colégios que não se enquadram no modelo competitivo do Enem correm o risco de soçobrar no mercado. Para garantir a boa colocação na lista de excelência, adentra-se os colegiais para o provão à partir do 1º ano do fundamental 2.





Dali para frente, triunfa um funil angustiado de múltiplas escolhas, onde pouco importa a curiosidade do aluno. O cardápio de matérias lembra o daqueles restaurantes que servem de estrogonofe à filé à cubana e mais en-tope do que alimenta, formando um exército de adolescentes pa-ranoicos e enfadados.

A flexibilização do currículo é bem-vinda; mas o plano de do-brar o tempo de duração na car-teira vitoriana, abolindo filosofia, sociologia, artes e esporte me es-panta.

Quando visitei o Escorial, pa-lácio construído por Felipe 2º nas cercanias de Madri, chamou-me a atenção os afrescos em home-nagem às sete artes liberais, que ornaram o teto da biblioteca.

Base do pensamento escolás-tico, criado nos monastérios me-dievais com o intuito de conciliar o ensino da fé e da razão, as artes da retórica, da dialética, da mú-sica, da gramática, da aritmética, da geometria e da astrologia pre-tendiam formar homens livres.

A filosofia, a arte e a sociolo-gia são um grande antídoto para o grilhão da decoreba. Elas rela-cionam, como poucas cadeiras, o estudo de história, geografia, política, ciência, letras e matemá-tica, desenvolvendo o diálogo, a criatividade, o raciocínio e a argu-mentação.

Meu filho, que é um furioso, no sentido romântico da palavra, reagiu aos cortes dizendo que o objetivo das medidas é escravizar a rotina de estudo para impedir que os alunos pensem.

A Finlândia reduziu o tempo de escola, aposentou o dever de casa, descartou a múltipla esco-lha e galgou o primeiro lugar no ranking de educação mundial.

Apostar no ócio criativo num país como o nosso, com proble-mas de segurança, habitação, saúde e saneamento seria uma guinada arriscada, mas implantar um currículo espartano, que não considera a saúde mental e física dos alunos, através de uma MP, está longe do ideal.

Dentre todas as dúvidas práti-cas suscitadas pelas novas diretri-zes, uma me perturba em especial.

Não há método que resista a um professor ruim. Se mal se con-segue arregimentar quadros capa-zes de alfabetizar a contento, de onde surgirão os milhares de mes-tres não licenciados, dotados de notório saber, que preencherão as demandas de um horário integral no ensino médio?

Essa é a questão.

**Fernanda Torres é Atriz e escritora*

Transcrito da Folha de São Paulo



Medicina paliativa X Cuidado paliativo

*Bruno Fernando da Silva Reis**

Cuidado paliativo é uma abordagem que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), busca qualidade de vida para paciente-família diante de doenças que ameaçam a continuidade da vida; devendo abordar medidas preventivas e terapêuticas para o sofrimento em todas as suas dimensões (física, emocional, espiritual e social). Cuidado paliativo é trabalho em equipe multiprofissional, atuando de forma coesa e falando sempre a mesma linguagem. Medicina paliativa é o trabalho isolado do médico, que se especializou em medicina paliativa, mas dentro de toda filosofia de cuidado pregada pelo cuidado paliativo.

Cuidado paliativo não é medicina alternativa. É medicina igual a qualquer outra área médica. É

baseada em evidências e algo bem concreto e estudado há anos. Lá fora é algo já mais solidificado. No Brasil, ainda é algo mais recente, mas em processo franco de solidificação nos próximos anos. Medicina paliativa no Brasil é reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) como Área de Atuação Médica (subespecialidade) desde 2011.

E o que seria essa doença ameaçadora da vida? Seria uma doença crônica com potencial de letalidade. Exemplificando, um quadro de câncer incurável, doença cardíaca avançada, doença pulmonar avançada, doença neurológica avançada, doença crônica avançada e por aí vai. O que é isso? O estado de saúde é comprometido com uma doença aguda, que, dependendo da resposta do organismo do indivíduo, pode se resolver ou não. Não se resolvendo essa doença se torna





crônica (geralmente com três a seis meses de quadro evolutivo).

Toda doença crônica (incurável), evolui, progride. E em algum momento ela se tornará avançada, ou seja, vai gerar graves agravamentos ao indivíduo que a possui, como: perda de memória significativa a ponto de necessitar de auxílio constante; não deambular mais e necessitar de ajuda constante para ações básicas, como o banho, o se vestir, etc. emagrecimento importante a despeito de ingesta alimentar razoável; infecções e internações recorrentes com piora da funcionalidade (farei aqui uma analogia com o termo “energia do paciente”).

Aos poucos, o organismo de um indivíduo com doença crônica e avançada vai entrando em várias falências orgânicas (cérebro, coração, pulmão, rins, etc.) gerando um contexto de doença crônica tão avançada que chamamos de doença terminal. Terminal a doença, sempre, que está em franco processo de piora. O indivíduo, jamais. A pessoa continua sendo a pessoa, com toda sua individualidade e biografia únicas!

Pensa: você gostaria de ser chamado de “paciente terminal”? Não! Então, terminal é a doença, sempre! Quando uma doença se torna terminal, geralmente imaginamos um tempo pela frente de seis meses ou menos (com exceções, é claro!). O morrer é um processo que dura vários dias. O indivíduo começa a te alertar com vários sinais/sintomas. Esse morrer se finaliza com uma fase de agudização (dentro de todo esse

contexto crônico) na qual o indivíduo apresenta sinais/sintomas concretos que predizem um tempo de horas a poucos dias de vida. E assim se finda o viver! Num contexto crônico, que se tornou avançado e, depois, terminal. Um processo, portanto, que o indivíduo e sua família vivenciam dia após dia. Um processo!

Mas onde entram o cuidado paliativo ou a medicina paliativa? Num contexto de doença crônica, e, principalmente, num contexto avançado, é indiscutível que a atuação do cuidado paliativo ou da medicina paliativa aconteça! Quanto mais cedo a abordagem paliativa começar, mais poderá ser feito para melhorar a qualidade de vida do paciente e sua família (e entes queridos). O sofrimento deve ser amenizado sempre.

Paliar é proteger e cuidar, jamais abandonar. Paliar é cuidar da vida enquanto ela existir. Paliar não é antecipar e nem postergar a morte. Paliar é caminhar junto, ao lado, no mesmo passo que o paciente e a evolução de sua doença. A vida é finita. O nascimento é cercado de cuidados, e o morrer e a morte não devem ser diferentes. Um morrer digno é um direito de todo ser humano. Por um viver, morrer e morte dignos sempre!

** Bruno Fernando da Silva Reis é Médico/medicina paliativa no HU/UFJF.*

Transcrito da Tribuna de Minas

Para reflexão: Por um viver, morrer e morte dignos, sempre!





em 13 etapas



Pe. Dalton, C.Ss.R.





Hino cristão ao Amor. 1 Cor 13,1 -13.

O amor de Deus que foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado sanha expressão em nossa maneira humana de amar. O Amor de Deus em nós acentua a ternura, o visor e a fidelidade. Cura e vivifica nossos modos de amar.

1. O amor é paciente. Sabe a hora boa das coisas. Significa: quem ama tem um coração grande. Confira: Ex.34,6ss 2Pd 3,9 1Ts 5,14. Ef. 4,2. Col. 3,12. Tg 5,10-11.

2. O amor é prestativo. Significa: atenção ao outro, que se mostra em amabilidade e delicadezas. Confira: Mt 5,7. Jo 13,1-8 Mc 10,43-44 Lc 10,38-42.

3. O amor não é invejoso. Nem é ciumento. Significa: não há uma vontade de poder sobre pessoas e coisas. Confira: Gl 5,19-26 Tg 3,13-18 Fl 2,2-3 Rml3,13-14 IPd 1,22-2,1-2.

4. O amor não se vangloria. É discreto. Significa: o amor escolhe suas palavras de bem-dizer e para torná-lo verdadeiro. Sem disfarces ou mentiras. Confira: Mt6,1-4 Lc 14,7-11 Sl 140(141),3-4. Lc 2,19.

5. O amor não é orgulhoso. Não se superestima. Significa: gera harmonia e não visa grandezas. Simples e verdadeiro. Confira: Rm 12,3-16. 1Pd 5,5. Mt 11,29.

6. O amor nada faz de inconveniente. Pudor, respeito, tato. Significa: cultiva a verdade de sermos corpo sem a tirania do prazer imediato. Confira: Rm 13,11-14 Ef5,3 1Cor 6,19-20 Col 3,8.

7. O amor não busca seus próprios interesses. Não é egoísta. Significa: pratica a reciprocidade e reconhece que há mais alegria em dar do que em receber. Confira: Lc 22,27 Jo 12,25-26 1Cor 10,24 Rml5,2-3.

8. O amor não se irrita, nem guarda rancor. Vive sem amargura. Significa: não se deixar levar pela emoção nem abafar o outro. Confira: Lc 10,38-42 Gl 6,1 Mt 7,1-5 Mt 18,21-22 Ef4,32.

9. O amor não se alegra com a injustiça. Rebelar-se contra a violência. Significa: inteireza no ser e agir, coerência, libertação de toda malvadeza. Confira: Rm 6,10-13 2Pd 2,7-8 (Carta aos Gálatas).

10. O amor rejubila-se com a verdade. Amor sincero, palavras verdadeiras. Significa: discernir a verdade em tudo e testemunhar o contentamento que a pratica da verdade traz. Confira: Jo 18,37 2Tm 1,7 Mt5,37 Fl 4,8 Jo 18,32.





11. O amor tudo desculpa, tudo crê. A graça de confiar. Significa: o perdão faz recomeçar e aposta num amanhã transfigurado. Confira: 1Jo 4,18 Pr 10,12 1Pd 4,8Mc 10,41.

12. O amor tudo espera, tudo suporta. Saber resistir. Significa: a persistência criativa gera permanência no amor. Nutre a esperança. Confira: Tg 1,2-3 Rm 8,38-39 Lc 6, 36-37 Hb 12,1-2

13. O amor jamais acabará. A arte de amar. Significa: nada de ilusões. É preciso um bom estilo de vida que dê sustentação. Deus é Amor e a vida termina no amor, morando na Casa do Amor, onde somos todos esperados. (Livro do Apocalipse).

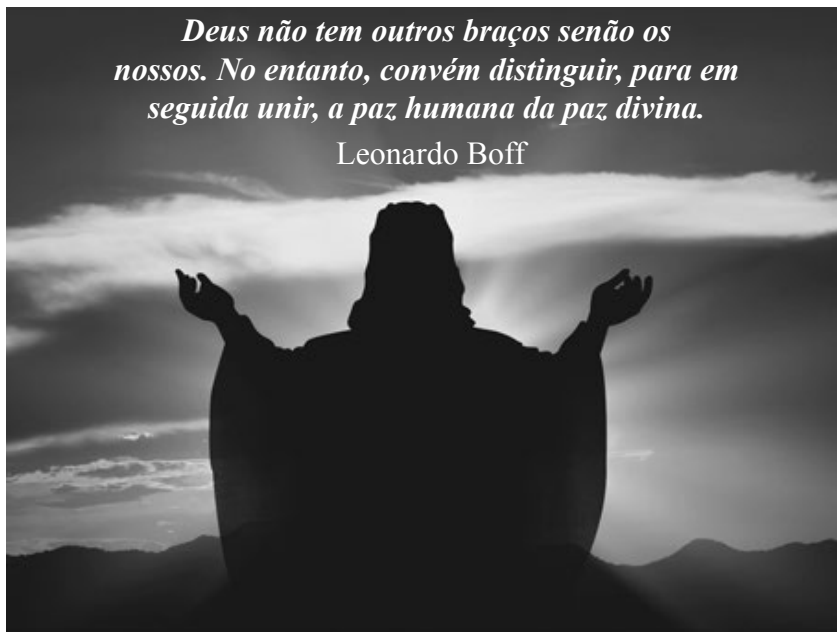
O amor possui esta força que o apóstolo Paulo nos mostra. Força curativa do amor. Porém, há formas adoentadoras de amar. E há os que ficam doentes por falta de amor.

Os namorados e noivos cultivam as experiências gratificantes de amar. Contudo há experiências que ferem, desrespeitam e são lesivas à verdade do amor.

CULTIVEMOS A CENTELHA DO AMOR QUE ESTÁ EM NÓS. ALEGRA-TE, O Senhor está contigo.

*Deus não tem outros braços senão os
nossos. No entanto, convém distinguir, para em
seguida unir, a paz humana da paz divina.*

Leonardo Boff





O LUGAR DOS FILHOS NA FAMÍLIA

Rosely Sayão*

Saber que é possível acionar parentes em caso de necessidade reconforta e dribla a solidão humana

“A partir de que idade posso pedir à minha filha, agora com sete anos, que ajude nas tarefas de casa?”

“Minha filha de 19 anos me pediu um carro para ir à faculdade, mas acho que ela deve conquistar isso com seu próprio esforço. O problema é que, financeiramente, eu poderia fazer isso, e ela não se conforma com minha negativa. Será que estou errado?”

Essas duas dúvidas, encaminhadas a mim por uma mãe e por um pai, parecem bem diferentes, não é mesmo?

Afinal, trata-se de uma criança e de uma jovem. Além disso, no primeiro caso a demanda é da mãe; no segundo, da filha. Entretanto, ambas permitem boa reflexão a respeito do lugar que destinamos aos filhos na família.

De alguns anos para cá, parece que a missão dos pais em relação aos filhos é tomar a vida deles boa, fácil, confortável, rica em consumo de diversos tipos, a mais parecida com a de seus pares e, acima de tudo, feliz e prazerosa.

Em troca de tudo isso, poucas coisas, todas interligadas: que sejam bons alunos, tirem boas notas, passem no vestibular e arrumem um trabalho com boa remuneração.

Fazer parte do grupo familiar e demonstrar isso cumprindo seus





rituais, assumindo suas obrigações, compartilhando seus princípios, valores e tradições tomaram-se questões que, pelo jeito, os pais hesitam em repassar aos filhos. As perguntas feitas pelos leitores ilustram bem isso.

Arrumar sua cama, retirar o prato da mesa, colocar as roupas no local a elas destinado parecem tarefas que não cabem mais aos filhos. Ou, no mínimo, elas suscitam muitas dúvidas em seus pais.

Será que estes devem ou podem exigir que seus filhos adolescentes compareçam a um mínimo de encontros familiares, ou que respeitem as regras da casa ou, ainda, que eles se contentem com o fato de não terem tudo o que os pais poderiam lhes dar?

Creio que não é grande o número de pais que respondem afirmativamente, e sem pensar muito, a tais questões. E que a maioria considera que os filhos precisam estudar e se divertir, estar com os amigos, que têm o direito de ter tudo o que seus pais não tiveram e que agora podem lhes oferecer etc.

Não ocorre de imediato aos pais que o fato de alguém ser filho - e fazer parte, portanto, de uma família - é algo que acarreta ônus e bônus. Assim é a vida em relação a tudo, não é, caro leitor?

Ter um nome, um sobrenome, um tipo de vida, pertencer a uma panelinha como é a família e conviver com seu grupo social têm lá seus

benefícios. E as responsabilidades correspondentes, nada?

Levar os estudos sempre em frente, mesmo que com alguns tropeços - o que, aliás, é prerrogativa de quem ocupa o lugar de aluno não é nada mais do que formação, aprendizado de vida. Faz parte, portanto, dos benefícios recebidos por fazer parte daquela família.

É com o cumprimento das obrigações familiares, que vão do comparecimento ao almoço de domingo ou coisa que o valha à colaboração com as tarefas domésticas, passando pela convivência com os parentes mesmo sem apreciar muito a companhia deles, que os filhos respondem ao fato de terem um grupo de pertencimento.

E isso é um aprendizado que, como qualquer outro, às vezes se mostra chato, maçante e até um pouco desagradável. Mas, lá na frente, em um futuro que pode estar próximo, poderá fazer toda a diferença na vida dessa nova geração.

Afinal: estar em qualquer lugar do mundo, sem a presença física de qualquer integrante da família, mas saber que, caso seja necessário, você pode acionar ou ser acionado por qualquer um deles, é algo reconfortante que dribla a inevitável solidão humana e produz serenidade.

Rosely Sayão é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha)

Transcrito da Folha de São Paulo





O VALIOSO TEMPO DOS MADUROS

Mário de Andrade

www.scaboro.com.br

Contei meus anos e descobri que terei menos tempo para viver daqui para a frente do que já vivi até agora.

Tenho muito mais passado do que futuro.

Sinto-me como aquele menino que recebeu uma bacia de cerejas..

As primeiras, ele chupou displicente, mas percebendo que faltam poucas, rói o caroço.

Já não tenho tempo para lidar com mediocridades.

Não quero estar em reuniões onde desfilam egos inflamados. Inquieto-me com invejosos tentando destruir quem eles admiram, cobijando seus lugares, talentos e sorte.

Já não tenho tempo para conversas intermináveis, para discutir assuntos inúteis sobre vidas alheias que nem fazem parte da minha.

Já não tenho tempo para administrar melindres de pessoas, que apesar da idade cronológica, são imaturos.

Detesto fazer acareação de desafetos que brigaram pelo majestoso cargo de secretário geral do coral.

'As pessoas não debatem conteúdos, apenas os rótulos'.

Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos, quero a essência, minha alma tem pressa...

Sem muitas cerejas na bacia, quero viver ao lado de gente humana, muito humana; que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita antes da hora, não foge de sua mortalidade,

Caminhar perto de coisas e pessoas de verdade,

O essencial faz a vida valer a pena.

E para mim, basta o essencial!





Extraído da imortal obra: Os Miseráveis, de Vitor Hugo

“O amor é a saudação dos anjos aos astros. [...] Deus habita em tudo, mas oculto a nossos olhos. [...] Amar um ser é torná-lo transparente” (p. 941)

“Amar, eis a única coisa capaz de ocupar e encher a eternidade. Ao infinito é necessário o inexaurível.

O amor participa da alma, como ela tem idêntica natureza, como ela é centelha divina, como ela é incorruptível, indivisível, imperecível. É um foco que temos dentro de nós, foco imortal e infinito, que não pode ser limitado nem extinto.” (p.942)

“O amor é a plenitude do homem, como Deus é a plenitude do céu.” (Idem)

“Morrer por falta de amor. Oh! Que terrível morte! A asfixia da alma!” (Ibidem)

“[...] o amor compõem-se da grandeza infinita e da infinita pequenez.” (p. 943)

“Se sois pedra, sede imã; sensitiva, se sois flor; se sois homem, sede amor.” (p. Idem)

“Que triste é ignorarmos a morada de nossa alma!” (Ibidem)

“O amor é uma respiração celeste do ar do paraíso.” 9p. 944)





Programa Nacional de Formação à Distância



CONDIN
Conselho Diretor Nacional

Continuando o programa, estamos encaminhando o texto abaixo abordando o item 2.4 da programação.

Nossa preocupação é que os textos que estão sendo propostos para estudo e reflexão, tanto nas equipes-base quanto em eventos locais de formação, sejam compreendidos por todos.

SE VOCÊ, SUA EQUIPE-BASE OU COORDENAÇÃO ESTÁ ENCONTRANDO ALGUMA DIFICULDADE EM TRABALHAR OS REFERIDOS TEXTOS, POR FAVOR, ENTRE EM CONTATO CONOSCO ATRAVÉS DO E-MAIL ABAIXO PARA QUE POSSAMOS, DE ALGUMA FORMA, AUXILIÁ-LOS NA SUA INTERPRETAÇÃO.

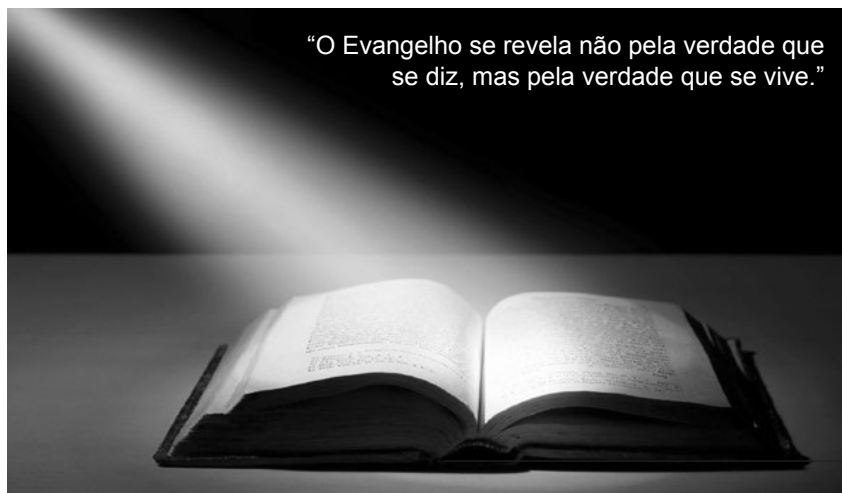
Desejamos a todos o melhor proveito possível, e não se esqueçam: ficamos no aguardo de um retorno pelo endereço eletrônico abaixo. Não guarde somente para si suas conclusões. Vamos exercer a PARTILHA.

mfc.livraria@gmail.com

2º BLOCO TEMÁTICO - LIBERDADE

4º Módulo : – EVANGELHO: O CAMINHO PARA LIBERTAÇÃO

“O Evangelho consiste, assim, no ato; numa nova inserção da liberdade na história, num ato que abre novos horizontes para a libertação humana. Por isso a proclamação do Evangelho anuncia a salvação, uma nova possibilidade de vida humana.” (Rubem Alves)



“O Evangelho se revela não pela verdade que se diz, mas pela verdade que se vive.”





ORAÇÃO

Credo de Mahatma Gandhi

Creio em mim mesmo.

Creio nos que trabalham comigo, creio nos meus amigos e creio na minha família.

Creio que Deus me emprestará tudo que necessito para triunfar, contanto que eu me esforce para alcançar com meios lícitos e honestos.

Creio nas orações e nunca fecharei meus olhos para dormir, sem pedir antes a devida orientação a fim de ser paciente com os outros e tolerante com os que não acreditam no que eu acredito.

Creio que o triunfo é resultado de esforço inteligente, que não depende da sorte, da magia, de amigos, companheiros duvidosos ou de meu chefe.

Creio que tirarei da vida exatamente o que nela colocar.

Serei cauteloso quando tratar os outros, como quero que eles sejam comigo.

Não caluniarei aqueles que não gosto.

Não diminuirei meu trabalho por ver que os outros o fazem.

Prestarei o melhor serviço de que sou capaz, porque jurei a mim mesmo triunfar na vida, e sei que o triunfo é sempre resultado do esforço consciente e eficaz.

Finalmente, perdoo os que me ofendem, porque compreendo que às vezes ofendo os outros e necessito de perdão.

Neste modulo vocês precisam usar a Bíblia para ler os textos citados. Depois de cada texto lido pode fazer comentários. Para este módulo a equipe pode fazer varias reuniões, não sendo necessário esgotar todo o assunto em um só dia.

1- INTRODUÇÃO

O que está na Bíblia não está só na Bíblia. Está também na vida de todos os que procuram viver na fidelidade à Palavra. Ao abrir a Bi-

blia nós não abrimos um livro estranho, mas sim um livro que fala de nós mesmos, de nossa vida, da nossa caminhada e da nossa luta. Na Leitura da Bíblia, vamos olhar para o que é nosso, "escrito para nós" (1Cor 10,11). Vamos descobrir, com a ajuda da Bíblia, que a Palavra de Deus está na nossa vida, na nossa história, na história de nosso povo.

2 - Como a Bíblia nos mostra Jesus.

Precisamos através da Lei-





tura Bíblica rever a imagem que temos de Jesus Cristo. Ele, filho de Deus, era uma pessoa alegre, jovial, teve prazer de estar e visitar os amigos, conviver em família e falar com todos. Nos evangelhos descobrimos como Ele soube ser:

Amigo, que compartilha tudo, até mesmo o segredo do Pai (Jo 15,15).

Carinhoso, capaz de provocar respostas fortes de amor (Lc 7,37-38; 8,2-3; Jo 21,15-17; Mc 14,3-9).

Atencioso, preocupa-se com a alimentação (Jo 21,9) e o descanso de todos (Mc 6,31).

Pacificador, inspira paz e reconciliação (Jo 20,19; Mt 10,26-33; Mt 18,18-22; (Mt 16,19).

Comprometido, defende os amigos quando são criticados pelos adversários (Mc 2,18-19; 7,5-13).

Realista e observador, despera a atenção dos discípulos para as coisas da vida (Lc 8,4-8).

Livre, desperta e provoca liberdade e libertação (Mc 2,27; 2,18.23).

Misericordioso, manso e humilde, acolhe a todos, especialmente os pobres (Mt 11,28).

Preocupado com a situação do povo, esquece o próprio cansaço e acolhe o povo (Mt 9,36-38).

Compreensivo, aceita os discípulos do jeito que são, até mesmo a fuga, a negação e a traição,

sem romper com eles (Mc 14,27-28; Jn 6,67).

Numa palavra, Jesus é humano, muito humano, tão humano como só Deus pode ser humano! Deste modo, pelo seu jeito de ser e pelo testemunho de sua vida, Jesus encarnava o amor de Deus e o revelava aos discípulos (Mc 6,31; Mt 10,30; Lc 15,11-32). Tornava-se para eles uma pessoa significativa que os marcou pelo resto de suas vidas como “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6).

Reflexão: Como vocês tem sentido a presença de Jesus nas suas Vidas e como esta presença tem modificado o seu modo de agir?

3 - Leitura Bíblica Lucas 9. (57,62)

57 Quando iam pelo caminho, disse-lhe um homem: Seguir-te-ei para onde quer que fores.58 Respondeu-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.

59 E a outro disse: Segue-me. Ao que este respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai.60 Replicou-lhe Jesus: Deixa os mortos sepultar os seus próprios mortos; tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus.61 Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa.62 Jesus, porém, lhe respondeu: Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus.





Reflexão: Reflita profundamente sobre a mensagem deste evangelho para nossa vida. O que Jesus nos quer transmitir?

4 - Porque acreditar nos Evangelhos?

Porque dizemos que acreditamos no Evangelho de Jesus? É uma pergunta de difícil resposta para qualquer cristão, mas lá nós encontramos o caminho para cada dia nos tornarmos mais humanos, para fazer a reconstrução de um novo mundo.

Jesus propõe uma nova ordem.

Os Evangelhos mostram que Jesus com as suas atitudes, seus gestos e suas palavras revela uma nova visão das coisas, um novo ponto de partida, uma nova ordem. Não é uma nova ordem no sentido de Jesus oferecer um programa concreto de ação política ou social, mas ele oferece e propõe alguns pontos básicos que devem inspirar e renovar pela raiz todo o relacionamento entre os seres humanos, em qualquer tipo de organização que estiverem.

Nos evangelhos a Boa Notícia do Reino anunciada por Jesus tem como efeito:

1. congregar as pessoas em torno de Jesus e entre si, isto é, formar comunidade, como as do MFC. (Mc 1, 16-20);

2. fazer surgir consciência crítica no povo oprimido frente aos seus líderes. (Mc 1, 21-22);

3. combater o poder do mal, expulsá-lo e, assim, libertar o ser humano. (Mc 1, 23-28);

4. restaurar e salvar a vida do povo para o serviço. (Mc 1, 29-34);

5. permanecer unido à raiz que é o Pai, através da oração. (Mc 1, 35);

6. manter a consciência da missão e não se fechar nos resultados obtidos. (Mc 1, 36-39);

7. libertar e reintegrar os marginalizados. (Mc 1, 40-45).

Em nenhum momento Jesus se manteve neutro. Em Nome de Deus tomou posição em defesa da vida e definiu sua missão da seguinte maneira: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos, a recuperação da vista aos cegos, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça da parte do Senhor” (Lc 4, 18-19). E a missão que a comunidade recebe de Jesus é a mesma que Jesus recebeu do Pai: “Como o Pai me enviou assim eu envio vocês” (Jo 20, 21).

O que significa isto no concreto? O Evangelho de Marcos nos dá uma ajuda para encontrar a resposta. Descrevendo o início da missão de Jesus, ele enumera os pontos principais que devem caracterizar a missão de uma comunidade cristã (Mc 1, 16-45):

1. Mc 1, 16-20: Criar comunidade.





A primeira coisa que Jesus faz, é chamar pessoas para segui-lo. O primeiro objetivo da missão é congregar as pessoas em torno de Jesus. É criar comunidade.

2. Mc 1,21-22: Despertar consciência crítica.

A primeira coisa que o povo percebe é a diferença entre o ensino de Jesus e o dos escribas. Faz parte da missão contribuir para que o povo crie consciência crítica frente à religião oficial.

3. Mc 1,23-28: Combater o poder do mal.

O primeiro milagre de Jesus é a expulsão de um espírito impuro. Faz parte da missão combater o poder do mal que estraga a vida e aliena as pessoas de si mesmas.

4. Mc 1,29-34: Restaurar a vida para o serviço.

Jesus curou a sogra de Pedro, ela levantou-se e começou a servir. Faz parte da missão pre-ocupar-se com os doentes de tal modo que possam voltar a prestar serviço aos outros.

5. Mc 1,35: Permanecer unido ao Pai pela oração.

Após um dia de trabalho até tarde, Jesus se levantou cedo para poder rezar num lugar deserto. Faz parte da missão permanecer unido à fonte da Boa Nova que é o Pai, através da oração.

6. Mc 1,36-39: Manter a consciência da missão.

Os discípulos gostaram do resultado e queriam que Jesus voltasse. Mas ele seguiu adiante. Faz parte da missão não se fechar no resultado já obtido, e manter viva a consciência da missão.

7. Mc 1,40-45: Reintegrar os marginalizados na convivência.

Jesus cura um leproso e pede que se apresente ao sacerdote para poder ser declarado curado e voltar a conviver com o povo. Faz parte da missão acolher os marginalizados e reintegrá-los na convivência humana.

Estes sete pontos tão bem escolhidos por Marcos mostram o rumo e o objetivo da missão de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância!”(Jo 10,10). Estes mesmos sete pontos podem servir como avaliação para a nossa comunidade.

Reflexão: Diante do exposto no Evangelho de Marcos como vocês avaliam o MFC?

5 - Evangelho: o caminho para uma vida feliz.

Só nos ensinamentos dos Evangelhos podemos encontrar lições de vida que nós tornará mais humanos nos nossos relacionamentos diários como: pais, esposo(a), filhos(as) e irmãos(as), mas para isso é necessário acreditar que ali está toda a fonte para uma vida mais santa e próxima de Deus.





Observe que Jesus para ensinar não utiliza como ponto de partida a teologia da sua época, mas a realidade vivida pelo povo. Para propor a conversão, a mudança, tanto das pessoas como das estruturas sociais, os profetas e Jesus não partem de afirmações teológicas e do que era dito nas sinagogas, mas do que está acontecendo na vida do povo de Israel. Após mostrar a realidade, faz o confronto com o que é considerado a palavra e a vontade de Deus e convida as pessoas a fazerem as mudanças radicais, as reviravoltas.

Os exemplos são numerosos e seria impossível falar de todos eles. Bastaria lembrar dois episódios relatados no Antigo Testamento e o método usado pelos profetas.

1- O primeiro é o caso do adúltero de Davi (2 Samuel 12,1-14). O profeta Natã não chega até ele fazendo pregações teológicas ou recordando as normas da lei mosaica. Começa contando uma história que obriga o rei a dar de cara com a realidade e com a sua injustiça. Somente depois de o rei ter caído na real o profeta vai fazer a sua pregação teológica e convidá-lo a uma atitude de mudança.

2- O outro episódio é a ação simbólica de Jeremias que se coloca na porta do Templo e começa a proclamar em voz alta a lista dos pecados do povo (Jr 7,1-28). Também ele não vai fazer uma pregação sobre os preceitos da

Torá e nem tão pouco sobre quem é Javé. Começa sua ação levando o povo a perceber a realidade.

6 - Jesus usa a Bíblia em todos os níveis da atividade Pastoral

O que caracteriza o uso que Jesus fazia da Bíblia é a familiaridade. Passando os olhos pelos quatro evangelhos, a gente percebe que, para Jesus, a Bíblia não era um livro estranho, nem um livro de estudo ou um manual a ser decorado, mas sim um espelho onde encontrava refletida a vida do povo com seus problemas. Jesus ligava a Bíblia com a vida para iluminar os fatos e esclarecer as perguntas do povo. Ele conhecia tanto os livros como as etapas e os personagens da história do seu povo. Com a máxima facilidade ele usa e cita a Bíblia para esclarecer, ensinar, discutir, rezar, formar, se defender, provocar.

Ter o conhecimento e vivência dos ensinamentos contidos nos Evangelhos nos levará a ter uma fé mais sólida e autêntica.

A fé que é um lançar-se para frente, conquistar a estrada da liberdade diante das injustiças. A fé que é um risco e uma aposta, não se sabe o que vem depois e acredita-se no caminho da vida. A partir da fé tudo recebe nova iluminação, profundidade, valor e sentido. É um ato ligado ao agir, nele o ser humano é provocado a descobrir a presença do outro, e a ter compaixão do que sofre, a viver a tensão dialética entre o pessoal e





o social. A fé é um impulso libertador e autolibertador.

Reflexão: Você tem hábito de ler a Bíblia ou ela um livro de enfeite em sua casa?

7 - Conclusão

O Evangelho não traz meros assentamentos de verdades, não é um livro de romance da

humanidade com verdades Bíblicas para ser lido nas horas vagas. O Evangelho se revela pela libertação da escravidão do pecado. O Evangelho se revela na vida de uma pessoa não pela verdade nos lábios, mas pela verdade na vida. O Evangelho se revela não pela verdade que se diz, mas pela verdade que se vive.

ORAÇÃO

Peço a Deus que tenha misericórdia dos cristãos, onde as palavras falam mais alto do que os atos. Que tenha misericórdia dos cristãos onde a fé não é autenticada pelas obras. Que tenha misericórdia do patrão cristão que manda benzer a sua empresa, mas não dá testemunho de Cristo aos seus empregados; Deus tenha misericórdia do empregado que diz para o patrão ser cristão, mas é relapso e preguiçoso dentro da empresa. Deus tenha misericórdia do jovem que canta louvores na igreja, mas não vive os ensinamentos de Cristo. Que Deus tenha misericórdia desse cristianismo que não passa de palavras, palavras, palavras, e nada mais que palavras. Amém!

BIBLIOGRAFIA:

PR. JOSÉ RAMIRO PRADO - *Porque dizemos que acreditamos no Evangelho de Jesus?*

FREI CARLOS MESTERS, carmelita, mestre em Exegese Bíblica e Doutor em Teologia Bíblica, co-fundador e assessor do CEBI – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, e-mail: cmesters@ocarm.org



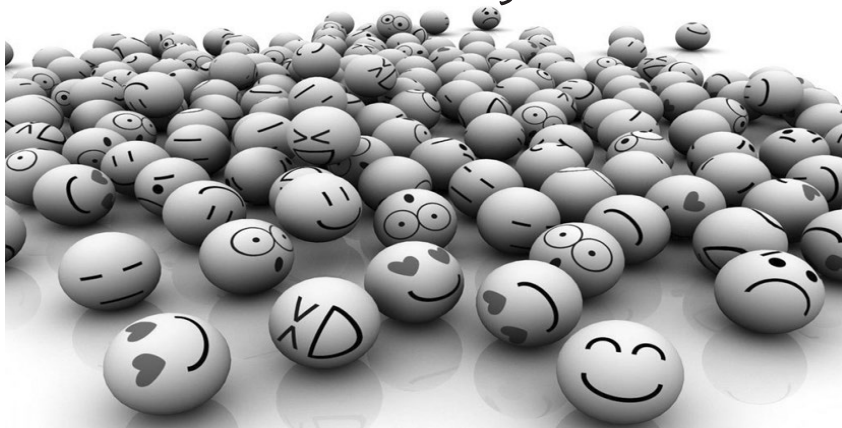
***Deixar Deus ser Deus em nós,
deixar o Ser ser o Ser em nós.***

Mestre Eckhart





Podemos aprender a gerenciar nossas emoções?



Deonira L. Viganó La Rosa *

Com o avanço das pesquisas científicas, estamos cada vez mais cientes de que, para viver bem conosco mesmos e com os outros, as emoções são tão ou mais importantes do que as capacidades cognitivas.

Polêmicas ainda persistem em relação a se devemos inserir nos currículos escolares atividades e dinâmicas específicas que visem educar as emoções de crianças e adolescentes. Há os que temem sua manipulação ou o descuido do desenvolvimento cognitivo.

AS EMOÇÕES

As emoções estão situadas em um quadro cultural que exige do indivíduo que adote comportamentos socialmente aceitáveis sob pena de

ser psicologicamente desestabilizado ou fragilizado

Muitas vezes nos perguntamos que tipo de pessoa deveríamos ser, que tipo de caráter, e particularmente que espécie de disposições emocionais deveríamos ter. É que nossos medos, vergonhas, raivas, mas também nossas alegrias e esperanças - para citar apenas alguns exemplos - são objeto de um grande número de julgamentos de valor. Certas emoções ou disposições emocionais são avaliadas como positivas, são consideradas como agradáveis, prazerosas, razoáveis, apropriadas ou ainda admiráveis, enquanto outras são julgadas nefastas, seja porque são tidas por desprezíveis, irracionais ou ainda moralmente condenáveis.

Frente a isto, é natural pensarmos que deveríamos tentar educar nossas emoções. Mas esta educação





pode ser entendida sob diversos pontos de vista, o que exige ainda discussão e estudos para encontrar compreensões e métodos adequados. Há muita diferença entre educar e podar.

EDUCAÇÃO

Ingmar Bergman considerava que o homem moderno está totalmente defasado do ponto de vista emocional. Edgar Allan Poe afirmava que “a imaginação pode se desenvolver como um músculo”. E o velho Aristóteles afirmava: “A educação moral é, antes de tudo, uma questão de educação das emoções”.

Já na atualidade o estudioso do tema, François Gaillard, afirma: “Todo mundo tem emoções. Todos podem aprender a desenvolvê-las. E uma questão de educação ... Educar as emoções é, antes de tudo, ajudar a ter acesso às próprias emoções como àquelas dos outros”.

É preciso entender que as emoções formam uma parcela da nossa inteligência e que é importante desenvolver esta inteligência com um longo treinamento. É possível tornar-se emocionalmente competente para compreender os efeitos das emoções sobre nossas maneiras de ser e de agir.

É claro que não vamos pedir às pessoas que neguem ou reprimam suas emoções, mas que possam gerenciá-las de tal maneira que colaborem com a própria felicidade e a dos outros.

O século XXI verá o mundo das

emoções ocupar um lugar importante no podium?

Esta evolução parece irreversível, embora possa demorar. Somos ainda considerados analfabetos emocionais, capengas se considerada a evolução tecnológica.

Identificar as próprias emoções, expressá-las, dar-lhes nome ou uma imagem, já é um caminho andado. Entretanto, o universo verbal deve ceder um pouco o lugar às outras mil maneiras de ter um olhar sobre as próprias emoções, tais como: desenhá-las, dramatizá-las, enfim abri-las a todas as formas possíveis de expressões não verbais.

“Viver nossas emoções não é suficiente, é preciso saber nomeá-las, pintá-las ou musicá-las”, diz o professor Gaillard.

Quanto às expressões não verbais, sabemos quanta resistência há entre os adultos, e que pouca provocação há às crianças, neste sentido. Temos medo do corpo. Se usar a palavra para descrever sentimentos e emoções já é difícil, representá-los de maneira não verbal é assustador. Os estados afetivos por vezes são complexos o que dificulta sua análise. E nossa formação excessivamente técnica e cognitiva nos deixa muito aquém na área dos afetos, sentimentos, emoções.

Pais e professores devem ter consciência da importância da educação das emoções para proporcionar felicidade pessoal a seus filhos/alunos e capacidade de convivência



pacífica e prazerosa com os outros. É um grande método para combater a violência.

Os próprios adultos precisam elaborar e usar positivamente suas emoções para que filhos/alunos possam fazer o mesmo.

Pais/professores/avós dispõem de tempo suficiente para privilegiar o processo de conhecimento e educação das emoções? Suas intervenções demandam uma reflexão con-

tínua em relação às emoções vividas e aos meios de autorregular os efeitos de suas manifestações sobre si e sobre os outros?

A inteligência emocional é um vetor do desenvolvimento da identidade e um objetivo importante a perseguir para uma evolução mais humana da sociedade.

** Deonira L. Viganó La Rosa é Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia. MFC de Porto Alegre.*

Havia numa cidade dos Estados Unidos uma igreja evangélica. Os Evangélicos, como se sabe, são um ramo do cristianismo muito rigoroso nos seus princípios éticos.

Havia na mesma cidade uma fábrica de cerveja que, para a igreja evangélica, era a vanguarda de Satanás.

O pastor não poupava a fábrica de cerveja nas suas pregações.

Aconteceu, entretanto, que, por razões pouco esclarecidas, a fábrica de cerveja fez uma doação de 500 mil dólares para a dita igreja.

Foi um auê!

Os membros mais ortodoxos da igreja foram unânimes em denunciar aquela quantia como dinheiro do Diabo e que não poderia ser aceito.

Mas, passada a exaltação dos primeiros dias, acalmados os ânimos, os mais ponderados começaram a analisar os benefícios que aquele dinheiro poderia trazer: uma pintura nova para a igreja, um órgão de tubos, jardins mais bonitos, um salão social para festas.

Reuniu-se então a igreja em assembleia para a decisão democrática.

Depois de muita discussão registrou-se a seguinte decisão no livro de atas:

“A Igreja Evangélica Batel resolve aceitar a oferta de 500 mil dólares feita pela Cervejaria na firme convicção de que o Diabo ficará furioso quando souber que o seu dinheiro vai ser usado para a glória de Deus.”





PRÉ-SAL, PETROBRAS, E A POLÍTICA ORA EM CURSO DO GOVERNO TEMER



Guilherme C. Delgado *

Entre 2008 e 2014 tivemos alguns fatos significativos no campo da economia petroleira, especialmente para o Brasil, que de certa forma reacenderam o debate da política energética nacional, revertido nos governos FHC 1 e II. Esse debate retomará com força na situação de descoberta das grandes reservas mundiais de petróleo do Pré-sal, localizadas no mar territorial brasileiro e em sua zona contígua. Ademais, o conhecimento da geologia da região e principalmente da tecnologia de exploração permite que se antecipem novas reservas e custos de exploração substancialmente distintos da PETROBRAS, relativamente às outras empresas do ramo. Os níveis de reservas medidas no PRE-SAL multiplicaram por cinco a oito vezes as reservas brasileiras, podendo-se ampliar esse patamar a médio prazo, a juízo dos especialistas da área.

Esse novo quadro estratégico suscitou a mudança do quadro regulatório, de maneira que tivemos em 2010 a promulgação da Lei da Partilha do petróleo explorável na zona

do Pré-Sal, com introdução de duas regras aparentemente tranquilas, mas como se verá adiante, objeto de uma disputa internacional subterrânea:

1) a PETROBRAS como única operadora dos contratos de partilha licitados na zona do Pré-Sal;

2) uma nova divisão do lucro extraordinário do petróleo extraído desta zona - metade para a União e metade para o licitante vencedor. Mas esse lucro extraordinário pressupõe um preço de mercado do petróleo por cima do seu “preço de produção”, que é variável em cada campo, enquanto que o preço externo referencial do barril de petróleo esteve substancialmente mais alto no período 2008-2014, tendo sido revertido fortemente no último biênio.

Há no período recente duas ações performativas da economia do Pré-Sal relativamente à captura de direitos a rendimento econômico: a primeira é subterrânea e conspira contra a própria nova Lei da Partilha, como veremos adiante; a segunda é explícita e direta, e chegou a dividir





Estados e Municípios produtores e não produtores pela captura desses novos direitos, conferidos ao proprietário do recurso natural as reservas da União. A constituição de um Fundo Social e Ambiental como destinatário desses direitos e sua posterior complementação das necessidades dos gastos sociais para saúde e educação também fez parte desse debate da repartição dos frutos do Pré-Sal.

Por outro lado, entre final de 2014 a 2016 começa a operar um processo de reversão subliminar e profundo da economia petroleira, com fatos e manipulações que ao fim e ao cabo de dois anos parecem reverter o ambiente de aparente 'boom' econômico nacional desse período (2008-2014):

1) caem abruptamente os preços externos da commodity petróleo bruto à faixa dos 30 a 40 dólares por barril, praticamente 1/3 do que fora no período precedente;

2) inicia-se a operação 'Lava-a-Jato', com revelação seletiva da corrupção envolvendo empreiteiras, partido(s) político(s) e alguns dirigentes da Empresa;

3) desencadeia-se no Senado, por iniciativa do Senador José Serra a operação de mudança legal na Lei da Partilha do Petróleo, na parte que diz respeito à operação única da PETROBRAS;

4) A PETROBRAS, já no governo Temer, acelera seu programa de venda de ativos, iniciado no governo Dilma, incluindo reservas naturais do próprio Pré-Sal.

A política petroleira atual é claramente de retorno à orientação da era FHC, com retirada da PETROBRAS da condição de único operador da zona Pré-Sal (Projeto José Serra, aprovado no Senado) e certa tentação explícita de reverter a regra de partilha instituída em 2010 durante o governo Lula.

O leitor precisa ficar atento para um detalhe nada trivial - em mar territorial adjacente as 6 milhas reconhecidas pelos EUA, a regra do operador único nacional é essencial para que a própria lei brasileira prevaleça nos contratos de exploração. Retirar a PETROBRAS da missão significa na prática mudar toda a lei da partilha. Não há nada casual nessa iniciativa. Ao contrário, ela se insere numa estratégia mundial de captura das rendas ex-traordinárias oriundas da exploração de campos petroleiros, terras, minas e recursos hídricos, que ora se exacerbam com a escassez das 'commodities', ora declinam com as tendências cíclicas. E para tal é necessário ao capital financeiro internacionalizar as condições de acesso a recursos naturais. O petróleo já é cobiçado de longa data. Mas agora também as terras rurais em geral, a exemplo da iniciativa dos ruralistas brasileiros com projeto de lei neste sentido (4.059/2012), ora em fase de votação 'urgente' no plenário da Câmara Federal.

*Guilherme C. Delgado é Economista
e pesquisador do IPEA.*

Transcrito do Boletim Rede





Religião e hipocrisia



Pe. Alfredo J. Gonçalves

Adital

Não será exagero afirmar que religião e hipocrisia são duas irmãs siamesas. Qual a razão desse aparente contraste?. De um lado, as religiões em geral, com seus princípios, exigências e mandamentos, chamam a um ideal cada vez mais elevado. Pretendem conduzir a uma meta onde chegam somente uns poucos iluminados, mas é inalcançável para a maioria dos pobres mortais. De outro lado, no contexto da vida contemporânea, os interesses do mercado de consumo associados àqueles da grande mídia, ambos poderosos, influentes e globalizados, oferecem uma avalanche de produtos, atrações e fascínios que contrastam frontalmente com aquele ideal almejado.

Emerge naturalmente a pergunta: como conciliar os dois pólos, um pretensamente negativo e outro

pretensamente positivo? Nos cultos e expressões religiosas, os fiéis são estimulados a voar, mas carregam o peso do cotidiano amarrado aos pés. Desnecessário acrescentar que em sua grande maioria, não puseem as asas místicas e espirituais dos ilustres iluminados. Chamados a figurar como “borboletas”, os embates da luta pelo “pão nosso de cada dia” os condenam a contentar-se com a condição de “vermes”, arrastando-se lenta e laboriosamente pelo chão. Por mais que vigore o desejo de superação dos próprios limites e fraquezas, a distância entre o ideal e a realidade permanece intransponível para a maior parte dos adeptos.

Disso resulta, não raro, um comportamento ambíguo. Na aparência, sorrisos e olhares meio que forçados, práticas devocionais, formalidades rituais e até alguns gestos de solidariedade. Mas isso se confronta com a realidade oculta de um rancor surdo e mudo seja em relação aos que





se declaram sem religião, seja em relação aos que praticam qualquer outra religião ou culto, seja enfim em relação aos que, declarando-se fiéis, ignoram pura e simplesmente as exigências mais elementares da fé que abraçaram. Tampuco faltam vestes sóbrias, olhares compungidos, atitudes que afetam elevação sublime – tudo isso misturado com um preconceito e um rechaço de fundo para com “os pobres pecadores que ainda pertencem a este mundo”.

Em consequência, não poucos, cientes de fazer o bem, acabam por praticar e difundir um modo de vida que, no final das contas e mesmo sem que eles o saibam, julga, ofende e fere as pessoas que se movem ao redor. Quanto essa miopia ou cegueira chega ao extremo de um fanatismo fervoroso, atuante e mobilizado, instala-se muitas vezes o dualismo maniqueísta entre os bons e os maus, os de dentro e os de fora, os nossos e os outros – a tal ponto que a situação pode degenerar em conflito armado ou guerra santa. Na relação entre as distintas religiões e no interior de cada uma delas, não faltam os exemplos ao longo de toda a história. Torna-se comum para os fiéis definir todos os outros como infiéis, enfrentando-os num combate sem trégua.

Mas entre o comportamento dúplice e hipócrita, de um lado, e a guerra aberta de outro, existe uma infinidade de situações intermediárias. Nestas, a fé, o culto e os preceitos religiosos podem levar a uma atitude moral e ética ou a um compromisso concreto com os mais necessitados e com a transformação sociopolítica. Mas podem, igualmente, evitar qualquer contato contagiante com “o mundo da lama e do pecado”! Neste último caso, cria-se a ilusão de duas histórias sobrepostas: a dos que encontraram a salvação e a dos que, perdidos e solitários, erram pelas vias de uma “sociedade sem Deus”. Deus conduz a primeira, os homens a segunda!

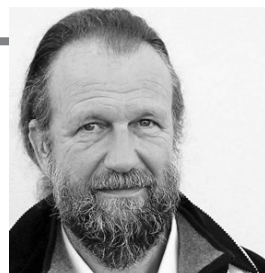
A dicotomia entre uma e outra levanta muros e barreiras incomunicáveis. Os que se sentem para sempre salvos passam a julgar os demais como perdidos para sempre. Resta, porém, a máxima: ninguém está definitivamente salvo e ninguém está definitivamente condenado. Todos estamos a caminho. E este caminho, como diz o poeta, “se faz caminhando”.

*Pe. Alfredo J. Gonçalves é
Assessor das Pastorais Sociais*



***É preciso acolher o vento em
todas as suas expressões.***

Jean-Yves Leloup





Tão cheias de NADA

Rafaela Peresin Rabelo*

Não é meu intuito generalizar, afinal, qualquer leitor crítico assimilará que existem exceções quanto ao que direi a seguir, e, de antemão, o parabenizo se você for um desses leitores.

Enfim, o que observo ao meu redor são pessoas “cheias de si” mas “vazias de outros”.

Quem são essas pessoas? São aquelas que respiram fundo, batem contra o peito e dizem; “Eu sou um cidadão”, mas falam isso ocupando a vaga de deficiente; sem ter justificativa para isso. Quem são essas? São aquelas que propagam ter aversão ao preconceito, mas, ao ver uma batida de carro, instantaneamente pensam - e por vezes falam - “Certamente era uma mulher dirigindo”

Quem são essas? São aquelas pessoas que são tão cheias de si que não têm espaço para os outros!

A verdade é que o termo “os outros” se tornou tão banal e insignificante que o ser humano com sua ignorância não consegue perceber que esse termo se refere a ele mesmo, afinal, todos nós somos “o outro” para alguém.

Por que é tão difícil assimilar isso? Porque o ego da maioria é superior à sua sabedoria. Talvez seja esse excesso de “importância” que alguns creem possuir que os impede de enxergar o mundo ao redor, transformando o mínimo de educação nos tratos alheios em raras manifestações. Será que cumprimentar o porteiro, desejar bom-dia ao motorista ou simplesmente sorrir para alguém que lhe fez um



favor, mesmo que seja rotineiro, é caro demais? Sinceramente, nunca vi alguém ficar na miséria por “doar” um pouco de educação. Pelo contrário, esta riqueza é do tipo que, ao ser dividida com outros, multiplica-se proporcionalmente. A verdade é que existem riquezas inacessíveis aos soberbos, longe dos orgulhosos e inalcançáveis aos hipócritas.

E, se ao ler esse texto você pensou em alguém, que, no seu ponto de vista, “precisa mudar”, sinto dizer-lhe que de nada lhe valeu essa leitura. Afinal, a maior mudança que você pode fazer é a transformação de si mesmo. Não é vergonhoso reconhecer que há algo a ser melhorado; vergonhoso é ficar estático diante das possibilidades de metamorfoses. Comece a pensar na sua essência,

será que você é apenas mais um ser “cheio de nada”? E se você pudesse oferecer o que tem de melhor para alguém, ofereceria-o? Nada?

Enquanto o coletivo for apenas uma matéria da língua portuguesa, não poderemos sequer uma comunidade segundo prega a biologia; talvez a irracionalidade animal seja a proteção contra o individualismo.

**Rafaela Peresin Rabelo é
Estudante e Administração*

Transcrito da Tribuna de Minas

Questões para reflexão:

- O seu ego é superior à sua sabedoria? Por que?

- Qual a relação entre você e o mundo exterior, vendo, julgando e agindo nele? Justifique

Não fique tão sério

Pedro e Maria estão num voo para a Austrália, para umas férias de duas semanas, comemorando seu 40º aniversário de casamento. De repente o comandante anuncia pelos alto-falantes:

- Senhoras e senhores, tenho notícias muito ruins. Nossos motores estão parando de funcionar e vamos tentar um pouso de emergência. Por sorte, estou vendo uma ilha não catalogada nos mapas logo abaixo de nós e vamos tentar aterrissar na praia.

Ele aterrissou com êxito, mas avisou aos passageiros:

- Isto aqui é o fim do mundo e é muito provável que a gente não seja resgatado e



tenhamos que viver nessa ilha pelo resto de nossas vidas!

Nessa hora, Pedro pergunta para a mulher:

- Maria, você pagou o dízimo da Igreja Universal este mês? - Ai, me perdoa, Pedro. Eu me esqueci completamente!

Pedro, eufórico, agarra a mulher e tasca o maior beijão de todos os 40 anos de casamento.

Eles vão nos achar!





Um punhado de otários consumistas

Ladislau Dowbor

Eu costumava jogar futebol bem, e ia com meu pai ver o Corinthians jogar no estádio do Pacaembu, em São Paulo. Mas, principalmente, brincávamos entre nós, onde e quando podíamos, com bolas improvisadas ou reais. Isso não é nostalgia dos bons tempos, mas um sentimento confuso de que quando o esporte foi reduzido a ver grandes caras fazendo grandes coisas na TV, enquanto a gente mastiga alguma coisa e bebe uma cerveja, não é o esporte, mas a cultura no seu sentido mais amplo, que se transformou numa questão de produção e consumo. Não em alguma coisa que nós próprios criamos.

Em Toronto, fiquei pasmo ao ver tanta gente brincando em tantos lugares, crianças e gente idosa, porque espaços públicos ao ar livre podem ser encontrados em todo canto. Aparentemente, eles sobrevivem divertindo-se juntos. Mas isso não é o *mainstream* obviamente. A indústria de entretenimento mainstream, penetrou em cada moradia,



em todo computador, todo telefone celular, sala de espera, ônibus. Somos um terminal, em um estranho e gigante bate-papo global, com evidentes exceções, financiado pela publicidade.

A enorme indústria de publicidade é por sua vez financiada por uma meia dúzia de corporações gigantes cuja estratégia de sobrevivência e expansão é baseada na transformação das pessoas em consumidores. O sistema funciona porque adotamos, docilmente, comportamentos consumistas obsessivos, em vez de fazer música, pintar uma paisagem, cantar com um grupo de amigos, jogar futebol ou nadar numa piscina com nossas crianças.





Que monte de idiotas consumistas nós somos, com nossos apartamentos de dois ou três quartos, sofá, TV, computador e telefone celular, assistindo o que outras pessoas fazem.

Quem precisa de uma família? No Brasil o casamento dura 14 anos e está diminuindo, nossa média é de 3,1 pessoas por moradia. Na Europa são 2,4. Nos Estados Unidos, 25% das moradias têm um casal com crianças. O mesmo na Suécia. A obesidade prospera, graças ao sofá, a geladeira, o aparelho de TV e as guloseimas. Prosperam também as cirurgias infantis de obesidade. E você pode comprar um relógio de pulso que pode dizer quão rápido seu coração está batendo depois de andar dois quarteirões. E uma mensagem já foi enviada ao seu médico. O que tudo isso significa?

Entendo cultura como a maneira pela qual organizamos nossas vidas. Família, trabalho, esportes, música, dança, tudo o que torna minha vida digna de ser vivida. Leio livros, e tiro um cochilo depois do almoço, como todo ser humano deveria fazer. Todos os mamíferos dormem depois de comer, somos os únicos ridículos bípedes que correm para o trabalho. Claro, há esse terrível negócio do PIB. Todas as coisas maravilhosas que mencionei não aumentam

o PIB - muito menos minha sesta na rede. Elas apenas melhoram nossa qualidade de vida. E o PIB é tão importante que o Reino Unido incluiu estimativas sobre prostituição e venda de drogas para aumentar as taxas de crescimento.

Necessitamos de um choque de realidade. A desventura da Terra não vai desaparecer, levantar paredes e cercas não vai resolver nada, o desastre climático não vai ser interrompido (a não ser se alterarmos nosso mix de tecnologia e energia), o dinheiro não vai fluir aonde deveria (a não ser que o regulemos), as pessoas não criarão uma força política forte o suficiente para apoiar as mudanças necessárias (a não ser que estejam efetivamente informadas sobre nossos desafios estruturais). Enquanto isso, Olimpíadas e MSN (Messi, Suárez, Neymar para os analfabetos) nos mantêm ocupados em nossos sofás. Como ficará, com toda a franqueza, o autor destas linhas. Sursum corda.

** Ladislau Dowbor é professor nas pós-graduações em Economia e em Administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e consultor das Nações Unidas. Este texto é trecho de "Crônica em meio à crise global", cuja íntegra está no site Outras Palavras. bit.ly/cronica_dowbor Publicado em Revista do Brasil, nº 121, setembro/2016, página 50*

É preciso que toda pessoa se conduza como se estivesse sendo observada por dez olhos e apontada por dez mãos.

Confúcio





A voz dos jovens



Maria Alice Setubal*

frente às reformas, em sessão na Assembleia Legislativa do Paraná.

A educação tem ocupado espaço de destaque nos meios de comunicação nos últimos meses. Isso ocorre não apenas por conta da realização do Enem, principal porta de entrada ao ensino superior no país.

Deve-se, sobretudo, às propostas do teto dos gastos públicos e de reforma do ensino médio, que enfrentam forte resistência de diferentes setores da sociedade, em especial dos estudantes que ocuparam mais de mil estabelecimentos de ensino.

É neste contexto que reverberou nas redes sociais a fala da adolescente Ana Júlia Ribeiro, que defendeu o direito à educação e a posição contrária do movimento secundarista

Apesar de nossos baixos indicadores educacionais, há muitas Anas Júlias pelo Brasil afora. Por isso, vale destacar outras iniciativas que contribuem para ampliar o repertório argumentativo de nossas crianças e jovens e comprovam que a escola pública é, sim, capaz de promover a aprendizagem.

É o caso da Olimpíada de Língua Portuguesa - Escrevendo o Futuro, que reuniu estudantes do ensino médio finalistas da etapa regional no gênero artigo de opinião, todos da rede pública.

Durante o encontro, além de escrever belos textos, eles debateram com ponderação e bons argumentos os avanços e desafios das políticas





para a garantia e ampliação do acesso à universidade.

Em um momento em que faltam diálogo e discussões qualificadas no debate público brasileiro, a fala de Ana Júlia e dos finalistas da Olimpíada trazem pontos de vista diferentes, apoiados em estudos e dados, sobre possibilidades concretas de escolherem seus próprios projetos de vida.

Mas por que, hoje, temos jovens tão engajados? Pela primeira vez no país, há uma população oriunda de classes sociais mais amplas e diversas que se manifesta porque teve mais acesso à educação. Agora, ela quer mais.

O Brasil avançou muito desde a promulgação da Constituição de 1988. Contudo, ainda há muito por fazer. São inúmeros os exemplos do nosso atraso.

Avançamos em todas as modalidades de ensino, mas o buraco era e ainda é muito fundo. Somente em 2014 o Brasil conseguiu ter 61,4% dos jovens de 15 a 17 anos no ensino médio e 17,7% da população de 18 a 24 anos no superior.

Esses números ainda são baixos, mesmo comparados aos países da América Latina. Além disso, amargamos resultados vergonhosos de qualidade, tanto nas avaliações nacionais como nas internacionais.

A ausência de uma política de Estado, de um projeto de país que priorize a educação de seu povo, é

um erro que trouxe graves consequências na qualificação da população. Contribuíu, de certa forma, para a permanência de enormes desigualdades sociais.

Refletir sobre essa perspectiva nos ajuda a contextualizar as escolhas que o país precisa fazer diante da grave crise fiscal atual e da discussão sobre os gastos públicos.

Talvez nada seja mais ideológico do que apontar caminhos e saídas com foco exclusivo na economia, ainda que ela seja fator fundamental.

Sem uma população com níveis adequados de educação, não conseguiremos ser um país desenvolvido em nenhuma das métricas internacionais. É preciso encontrar novos caminhos e cabe a nós, sociedade brasileira, traçar esse rumo.

Os jovens podem e devem ser incluídos nesse debate. Será que mais uma vez cometeremos um erro histórico que poderá nos levar a sair da crise fiscal, mas deixará o país novamente na rabeira do desenvolvimento, por comprometermos o futuro de crianças e jovens?

A opção está em nossas mãos.

**Maria Alice Setubal, a Neca, doutora em psicologia da educação pela PUC-SP, é presidente dos conselhos do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Cenpec e da Fundação Tide Setubal. Foi assessora de Marina Silva, candidata à Presidência em 2014*

Transcrito da Folha de São Paulo





NOVA ERA NACIONALISTA PODE ESTAR A CAMINHO COM VITÓRIA DE TRUMP

Francis Fukuyama

ESPECIAL PARA O
“FINANCIAL TIMES”

A espantosa vitória eleitoral de Donald Trump sobre Hillary Clinton marca um momento decisivo não só para a política dos EUA mas para toda a ordem mundial. Parecemos estar ingressando em uma nova era de nacionalismo populista, na qual a ordem liberal dominante construída dos anos 50 em diante passa a sofrer ataque da parte de maiorias democráticas raivosas e energizadas.

O risco de decairmos a um mundo de nacionalismos concorrentes e igualmente raivosos é imenso. Se acontecer, a ocasião poderá ser tão momentosa quanto a queda do Muro de Berlim, em 1989.

A forma da vitória de Trump expõe a base social do movimento que ele mobilizou. Observar o mapa eleitoral demonstra que o apoio a Hillary se concentrou geograficamente nas cidades ao longo das duas costas dos EUA, enquan-



to as regiões rurais e as pequenas cidades votavam maciçamente em Trump.

A virada mais surpreendente veio na Pensilvânia, Michigan e Wisconsin, três Estados industriais do norte do país que foram tão solidamente democratas nas eleições presidenciais recentes que Hillary nem mesmo fez viagens de campanha ao terceiro deles.

Trump venceu ao conquistar o voto dos trabalhadores antes sindicalizados que foram prejudicados pela desindustrialização, prometendo que voltaria a tornar os EUA grandes ao restaurar os empregos industriais perdidos.

Já vimos isso. É a história do “brexit”, quando a votação em fa-





vor da saída britânica da União Europeia se concentrou igualmente nas áreas rurais e pequenas cidades, longe de Londres.

Mas o nacionalismo populista é um fenômeno muito mais amplo que isso. Vladimir Putin continua impopular junto aos eleitores de bom nível educacional nas grandes cidades russas, como São Petersburgo e Moscou, mas tem ampla base de apoio no resto do país.

O mesmo se aplica a Recep Tayyip Erdogan, o presidente da Turquia, que conta com apoio entusiástico de parte da classe média baixa.

A classe social, hoje definida pelo nível educacional da pessoa, parece ter se tornado a fratura social mais importante em incontáveis países industrializados e de mercado emergente.

Isso é propellido diretamente pela globalização e pela marcha da tecnologia, que foram facilitadas pela ordem mundial liberal criada em larga medida por influência dos EUA, de 1945 em diante.

Quando falamos sobre uma ordem mundial liberal, estamos falando dos sistemas de comércio e investimento internacional baseados em regras mutuamente aceitáveis que alimentaram o crescimento mundial dos últimos anos. Esse é o sistema que permite que iPhones sejam montados na China e transportados para venda a consumidores nos EUA ou Europa na semana antes do Natal.

O sistema funcionou exatamente como previsto: entre 1970 e a crise financeira dos Estados Unidos em 2008, a produção mundial de bens e serviços quadruplicou, tirando centenas de milhões de pessoas da pobreza não só na China e Índia, mas na América Latina e na África.

Mas todo mundo está dolorosamente consciente agora de que os benefícios desse sistema não se estenderam a toda a população. As classes trabalhadoras nos países desenvolvidos viram seus empregos desaparecer, com a terceirização de funções pelas empresas e a busca de máxima eficiência em um mercado mundial implacavelmente competitivo.

A história de longo prazo foi atingida seriamente pela crise do mercado de títulos financeiros de alto risco (subprime) dos EUA, em 2008, e pela crise do euro que atingiu a Europa dois anos mais tarde. Nos dois casos, sistemas projetados pela elite –os mercados financeiros liberalizados, nos EUA, e políticas como o sistema Schengen de livre migração de mão de obra, na Europa – desabaram diante de choques externos.

Os custos desses fracassos voltaram a incidir muito mais pesadamente sobre os trabalhadores comuns do que sobre a elite. Desde então, a questão real não deveria ter sido por que o populismo emergiu em 2016, mas por que demorou tanto tempo para que se manifestasse.





Nos EUA, há uma falha política gerada pelo fato de que o sistema não representa adequadamente a classe trabalhadora tradicional.

O Partido Republicano está sob o domínio das grandes empresas do país e de seus aliados, que lucraram generosamente com a globalização, e o Partido Democrata se tornou o partido da política de identidade: uma coalizão entre mulheres, negros, hispânicos, ambientalistas e a comunidade LGBT, que perdeu o foco no que tange às questões econômicas.

O fracasso da esquerda dos EUA em representar a classe trabalhadora é espelhado por fracassos semelhantes na Europa. A social-democracia europeia havia aceitado a globalização duas décadas atrás, na forma do centrismo de Tony Blair ou do tipo de reformismo neoliberal empreendido pelo Partido Social-Democrata de Gerhard Schröder na Alemanha dos anos 2000.

Mas o fracasso mais amplo da esquerda se assemelha aos erros que ela cometeu nos anos que antecederam 1914 e a Primeira Guerra Mundial, quando, nas concisas palavras do filósofo britânico de origem tcheca Ernest Gellner, uma carta enviada para a caixa postal “classe” foi parar por engano na caixa “nação”.

Nação quase sempre se sobrepõe a classe, porque é capaz de explorar uma poderosa fonte de identidade: o desejo de conexão com uma comunidade cultural orgânica.

Essa busca de identidade está emergindo agora na forma da direita alternativa americana, uma coleção de grupos políticos antes excluídos que promovem variedades de nacionalismo branco.

Mesmo desconsiderados esses extremistas, muitos cidadãos comuns dos EUA começaram a questionar por que suas comunidades vieram a abrigar grande número de imigrantes e autorizaram um sistema de linguagem politicamente correta que não permite queixas quanto ao problema.

É por isso que Trump conquistou número imenso de votos de eleitores com nível educacional e financeiro mais elevado, que não foram vítimas da globalização mas ainda assim sentem que seu país lhes foi tomado. Não seria necessário acrescentar que a mesma dinâmica embasou o “brexit”.

Assim, quais serão as consequências concretas da vitória de Trump para o sistema internacional?

O presidente eleito já declarou que buscará renegociar os acordos de comércio internacional já existentes, a exemplo do Nafta, e presumivelmente a participação de seu país na Organização Mundial do Comércio (OMC); se não obtiver o que deseja, está disposto a abandoná-los.

Trump também expressou admiração por líderes “fortes”, como Putin. Portanto, ele se interessa muito menos por aliados tradicionais dos



EUA, como a Otan (aliança militar ocidental) ou o Japão e Coreia do Sul, a quem acusou de pegar carona no poderio americano.

Isso sugere que o apoio a eles todos também será condicionado a uma renegociação dos arranjos de divisão de custos hoje em vigor.

É impossível subestimar os perigos dessas posições tanto para a economia mundial quanto para o sistema mundial de segurança.

Tradicionalmente, o regime de comércio e investimento internacional aberto sempre dependeu da hegemonia dos EUA para se manter à tona. Se Washington começar a agir de maneira unilateral quanto aos termos dos contratos, haverá muitos agentes poderosos em todo o mundo dispostos a retaliar, o que poderia criar uma espiral de decadência econômica semelhante à dos anos 30.

O perigo para o sistema internacional de segurança é igualmente grande. Nas últimas décadas, Rússia e China emergiram como as principais potências autoritárias, e ambos os países têm ambições territoriais. A posição de Trump quanto à Rússia é especialmente preocupante: ele jamais fez qualquer crítica a Putin e sugeriu que a tomada da Crimeia pelos russos talvez tenha sido justificável.

Dada sua ignorância geral sobre a maioria dos aspectos da política externa, a coerência constante de sua posição com relação à Rússia sugere que Putin exerça alguma influência oculta sobre ele, talvez na

forma de dívidas para com instituições russas que teriam permitido a Trump manter à tona seu império empresarial.

Em termos amplos, uma presidência de Trump sinalizará o final de uma era na qual os EUA simbolizavam a democracia para povos vivendo sob governos corruptos e autoritários pelo mundo.

A influência dos EUA sempre dependeu mais do “soft power” do país do que de projeções ilusórias de força, tais como a invasão do Iraque. A escolha feita em 8 de novembro sinaliza que o país está deixando a ala liberal e internacionalista do espectro político e ingressando na ala populista e nacionalista.

Restam muitas incertezas com relação aos novos EUA. Embora Trump pareça ter um coração firmemente nacionalista, também é uma pessoa fortemente transacional.

O que ele fará ao descobrir que outros países não renegociarão acordos comerciais ou alianças nos termos que ele preferiria? Aceitará o melhor acordo possível ou simplesmente abandonará os tratados? Houve muita conversa sobre o perigo de tê-lo no controle do arsenal nuclear, mas minha sensação é a de que, no fundo, ele é muito mais um isolacionista do que alguém disposto a usar a força militar pelo mundo.

Quando tiver de encarar a realidade da guerra civil na Síria, é bem possível que se inspire na atitude de Obama e opte por ficar de fora.





É quanto a isso que a questão do caráter se fará sentir. Como muitos outros americanos, me parece difícil imaginar uma personalidade menos adequada à posição de líder do mundo livre. Isso deriva apenas em parte das posições políticas de Trump, e mais de sua extrema vaidade e sensibilidade a supostos insultos. Na semana passada, quando estava no palanque em companhia de militares que receberam a Medalha de Honra do Congresso [a maior condecoração por bravura dos Estados Unidos], ele disse que também era um homem de bravura, “financeiramente bravo”.

Quando tiver de lidar com outros líderes mundiais que poderão insultá-lo, reagirá como um chefe da máfia diante de um desafio ou como um empreendedor?

Hoje, o grande desafio para a democracia liberal não vem de regimes abertamente autoritários, como

a China, mas de dentro. Nos EUA, Reino Unido, UE e em diversos outros países, a parte democrática do sistema político está se sublevando contra a parte liberal, e ameaçando usar sua aparente legitimidade a fim de destruir as regras que até o momento controlavam os comportamentos e serviam de âncora a um mundo aberto e tolerante.

A elite liberal que criou o sistema precisa ouvir as vozes raivosas que gritam diante dos portões, e pensar em igualdade social e identidade como questões de primeira ordem que precisam ser resolvidas. De uma forma ou de outra, teremos uma estrada difícil nos próximos anos.

Francis Fukuyama é pesquisador sênior do Instituto Freeman Sprogli, da Universidade Stanford, e autor de “Political Order and Political Decay”
Tradução de Paulo Migliacci

Transcrito da Folha de São Paulo

AMENIDADES DAS ATUALIDADES...

A única diferença entre o político e o ladrão é que o primeiro a gente escolhe e o segundo escolhe a gente...

Deve haver, escondida nos subterrâneos do Congresso, uma escola de malandrags, golpes, perfídias e corrupção. Não é possível que tantos congressistas já nasçam com tanto conhecimento acumulado

Não roube: o governo detesta concorrência. Ladrão que rouba ladrão vive no Distrito Federal.

Estamos numa época em que o Fim do Mundo não assusta tanto quanto o Fim do Mês





O HAVER

Resta, acima de tudo, essa capacidade de ternura

Essa intimidade perfeita com o silêncio

Resta essa voz íntima pedindo perdão por tudo:

— Perdoai! — eles não têm culpa de ter nascido...

Resta esse antigo respeito pela noite, esse falar baixo

Essa mão que tateia antes de ter, esse medo

De ferir tocando, essa forte mão de homem

Cheia de mansidão para com tudo quanto existe.

Resta essa imobilidade, essa economia de gestos

Essa inércia cada vez maior diante do Infinito

Essa gagueira infantil de quem quer balbuciar o inexprimível

Essa irreduzível recusa à poesia não vivida.

Resta essa comunhão com os sons, esse sentimento

Da matéria em repouso, essa angústia de simultaneidade

Do tempo, essa lenta decomposição poética

Em busca de uma só vida, uma só morte, um só Vinicius.

Resta esse coração queimando como um círio

Numa catedral em ruínas, essa tristeza

Diante do cotidiano, ou essa súbita alegria

Ao ouvir na madrugada passos que se perdem sem memória...

Resta essa vontade de chorar diante da beleza

Essa cólera cega em face da injustiça e do mal-entendido

Essa imensa piedade de si mesmo, essa imensa

Piedade de sua inútil poesia e sua força inútil.





Resta esse sentimento da infância
subitamente desentranhado

De pequenos absurdos, essa tola ca-
pacidade

De rir à toa, esse ridículo desejo de
ser útil

E essa coragem de comprometer-se
sem necessidade.

Resta essa distração, essa disponibi-
lidade, essa vagueza

De quem sabe que tudo já foi como
será no vir-a-ser

E ao mesmo tempo esse desejo de
servir, essa

Contemporaneidade com o amanhã
dos que não têm ontem nem hoje.

Resta essa faculdade incoercível de
sonhar

E transfigurar a realidade, dentro
dessa incapacidade

De aceitá-la tal como é, e essa visão

Ampla dos acontecimentos, e essa
impressionante

E desnecessária presciência, e essa
memória anterior

De mundos inexistentes, e esse he-
roísmo

Estático, e essa pequenina luz inde-
cifrável

A que às vezes os poetas dão o
nome de esperança.

Resta essa obstinação em não fugir
do labirinto

Na busca desesperada de alguma
porta quem sabe inexistente

E essa coragem indizível diante do
Grande Medo

E ao mesmo tempo esse terrível
medo de renascer dentro da treva.

Resta esse desejo de sentir-se igual
a todos

De refletir-se em olhares sem curio-
sidade e sem história

Resta essa pobreza intrínseca, esse
orgulho, essa vaidade

De não querer ser príncipe senão do
próprio reino.

Resta essa fidelidade à mulher e ao
seu tormento

Esse abandono sem remissão à sua
voragem insaciável

Resta esse eterno morrer na cruz de
seus braços

E esse eterno ressuscitar para ser re-
crucificado.

Resta esse diálogo cotidiano com a
morte, esse fascínio

Pelo momento a vir, quando, emo-
cionada

Ela virá me abrir a porta como uma
velha amante

Sem saber que é a minha mais nova
namorada.

Vinicius de Moraes
N.E.- Segundo Rubem Alves em
"Se eu pudesse viver minha vida
novamente" esse poema foi escrito
pelo poeta como um testamento.





Pessoas felizes

Jorge La Rosa*

Pessoas felizes. Precisamos. Muito. Podem ser sol que ilumina muitos caminhos. Podem ser chuva que fecunda muita terra. Podem ser presença que ampara, estímulo para quem pensa em desistir. Podem ser luz para quem anda desanimado.

Pessoa feliz cria atmosfera própria para relacionamentos afetuosos e mutuamente fecundantes. Cria clima de respeito e consideração, exorciza a desesperança e o pessimismo. Pessoa feliz irradia alegria, bálsamo para corações.

Precisamos.

Sem qualquer perspectiva romântica, ou dito de outro modo, realisticamente.

Pessoa feliz está sujeita à frustração no cotidiano de suas vidas, experimenta a dor oriunda de tantas fontes e vive seus sofrimentos in-

rentes à condição humana. Mas há diferencial, importantíssimo: a consciência dá vida como dom e oportunidade. Isto faz brotar sentimento de gratidão. Profundo. Em relação a Deus, em primeiro lugar, fonte de todo bem e graça; depois em relação às pessoas que nos rodeiam e nos brindam com seu afeto e amizade; sem elas não poderíamos escrever a história de nossas vidas, mais ainda, sequer existiríamos.

A começar pelos pais que nos acolheram e se desvelaram em abrir as portas da existência para que por elas transitássemos. Depois aos familiares que nos acompanharam nos primeiros passos e se mostraram solidários ao longo da jornada; vêm após os amigos, sem eles não seríamos quem somos, dão sabor especial à existência, alegria ao coração; muito especialmente à companhia ou companheiro de nossas vidas com a (o) qual estabelecemos particular intimidade, participante





de nosso destino e pilar importante na construção de nossa identidade. Sem ela ou sem ele seríamos outra pessoa, não aquela que realmente somos. Construímos uma comunidade de destinos, experimentamos um pouco a vida trinitária, fonte e origem de toda intimidade.

A vida como dom significa que ela nos foi dada sem qualquer mérito de nossa parte, mas por desígnio amoroso do Pai. No começo estava o Amor, e uma aposta de Deus. “Acredito em ti, forja tua existência, constrói teu caminho, viva tua aventura, constrói comunidade, realiza a missão”.

No começo estava o Amor, como foi dito. O amor confia. Tu e eu recebemos esse dom precioso que é a vida com missão inerente. Deus apostou em ti, em mim.

Isso não é maravilhoso? Isso não nos torna felizes?

A vida é também oportunidade. Oportunidade de aproveitar nossos talentos no desempenho da profissão que representará um serviço à comunidade; de acolher as pessoas, de valorizá-las, de ajudar às que precisam de uma palavra de estímulo, de ouvir suas confidências, de visitar um enfermo ou alguém que se sente solitário.

Enfim, precisamos de pessoas felizes. Elas iluminam o mundo e apontam caminhos de esperança. Assim, também, diminuem o sofrimento e a solidão presentes em muitos corações.

A vida, então, vale a pena ser vivida!

**Jorge La Rosa é Professor universitário e doutor em Psicologia*

FRASES FILOSÓFICAS SOBRE AS COISAS SIMPLES DA VIDA

Entrou muda e saiu planta.

No Havaí, todas as sandálias são havaianas.

A primeira missa do Brasil foi o maior programa de índio.

Um repórter de Rock é um jornalista que não sabe escrever, entrevistando gente que não sabe falar para pessoas que não sabem ler.

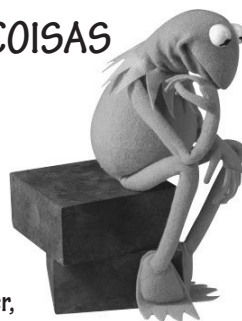
Mulher grávida reclama de barriga cheia.

Os filósofos têm um problema para cada solução.

Lixo = coisas que jogamos fora. Coisas = lixo que guardamos.

As fitas são virgens porque o gravador é estéril.

Herói é o covarde que não teve tempo de fugir.





Ser como lápis



Gostaria que você fosse como um lápis. Mas para quê? Há cinco qualidades nele que, se você mantiver, será sempre uma pessoa muito especial.

“Primeira qualidade”

Você pode fazer grandes coisas, mas não deve esquecer nunca que existe a MÃO que guia seus passos.

“Segunda qualidade”

Lápis precisa de apontador. Isto faz com que ele sofra um pouco, mas no final estará mais afiado. Portanto, o fará ser uma pessoa melhor.

“Terceira qualidade”

O lápis sempre permite que usemos uma borracha para apagar aquilo que estava errado. Entenda que corrigir uma coisa que fizemos é algo importante para nos manter no caminho da justiça.

“Quarta qualidade”

O que realmente importa no lápis não é a madeira ou sua forma exterior, mas o grafite que está dentro. Portanto, sempre cuide daquilo que acontece dentro de você.

“Quinta qualidade”

Ele sempre deixa uma marca. Da mesma maneira, saiba que tudo que você fizer na vida irá deixar traços, e procure ser consciente de cada ação.

“Conclusão”

Na vida temos o hábito de buscar soluções que muitas vezes estão na simplicidade de um lápis.

Autoria desconhecida.

